

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL - UFRGS
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA

LUAN ABEL PEREIRA PUJOL

**MÚLTIPLAS REALIDADES NO MUNDO DAS LUTAS:
MULHERES NO COMBATE**

Porto Alegre,

2021

LUAN ABEL PEREIRA PUJOL

**MÚLTIPLAS REALIDADES NO MUNDO DAS LUTAS:
MULHERES NO COMBATE**

Trabalho de conclusão de curso realizado como pré-requisito para conclusão do curso de Bacharelado em Educação Física da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof^a Dr^a Raquel da Silveira

Coorientadora: Prof^a Ms. Débora
Pastoriza Sant' Helena

Porto Alegre,

2021

MÚLTIPLAS REALIDADES NO MUNDO DAS LUTAS: MULHERES NO COMBATE

Aprovado em 21 de maio de 2021.

Banca Examinadora

Prof. Dr. André Luiz dos Santos Silva
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Orientadora Prof^a Dra. Raquel da Silveira
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Coorientadora Prof^a Ms. Débora Pastoriza Sant' Helena
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Porto Alegre,

2021

Agradeço a todos os **familiares** que estiveram ao meu lado durante estes longos anos de graduação, que não foram fáceis, e algumas vezes exigiram a paciência dos mais próximos. **Aline Rodrigues**, este trabalho é pra você.

Aos colegas e **amigos** verdadeiros, em especial **Débora Sant'Helena**. Muito obrigado pelo apoio e alegria que contribuíram para a minha permanência, mesmo durante os piores momentos.

A todos **professores** da ESEFID e demais escolas da UFRGS que percorri durante estes anos, me ajudando direta e indiretamente no processo de formação. Em especial à prof. **Raquel da Silveira** pela precisa orientação neste trabalho de conclusão de curso.

Enfim, a **todos** que me ajudaram de alguma forma durante mais uma etapa.

Em memória de **Clóvis Pujol** e **Zirene Pereira**.

Covarde não é aquele que foge de uma luta, mas sim o que bate no mais fraco.

Bruce Lee

RESUMO

Este trabalho teve como objetivo compreender os significados da prática de artes marciais para mulheres de diferentes idades em uma academia da cidade de Porto Alegre/RS. O estudo aqui apresentado pertence à vertente metodológica qualitativa, onde foram realizadas observações de distintas aulas de lutas e registro em diários de campo. Também houve entrevistas remotas com 5 mulheres praticantes de *Muay Thai* e *Jiu Jitsu*. A escolha da academia para a realização desta investigação, foi feita devido à minha prática de estágio não obrigatório na unidade e a consequente facilidade de acesso a informações e pessoas envolvidas nas práticas de lutas. Além desse aspecto, destaco a variedade de diferentes lutas ofertadas pela academia e o consistente número de mulheres praticantes, principalmente nas aulas de *Muay Thai*. Minhas entrevistadas percorreram a partir de suas falas os fatores que as levaram a se inserirem nas lutas e se manterem, assim como das dificuldades por elas enfrentadas ao praticarem suas respectivas lutas. As análises indicam que as principais motivações para prática de lutas por mulheres englobam: o lazer; a saúde; o desopilar, desestressar; a manutenção do peso corporal; o condicionamento físico. Em relação às dificuldades, chamaram a atenção o preconceito inerente ao adentrar um ambiente majoritariamente masculino; a desvalorização de atletas profissionais que possuem menor exposição e menor rendimento salarial que suas contrapartes homens; a criação de uma imagem masculinizante de seus corpos perante olhares desaprovadores de amigos e familiares; uma imagem violenta e pouco convidativa das lutas para com o corpo feminino; uma baixa motivação, diferenciação e sentimento de exclusão às atividades propostas durante o treino.

Palavras-chave: Lutas. Artes Marciais. Mulheres. Jiu Jitsu. Muay Thai.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 Time feminino Corinthians 2019.....	14
Figura 2 Time masculino Corinthians 2018.....	15
Figura 3 Manuela D'Ávila influente política portoalegrense.....	18
Figura 4 Manifestação feminista em 2017.....	19
Figura 5 Atleta Paige VanZant antes e depois de sua 1ª luta no UFC.....	21
Figura 6 Materiais utilizados nas aulas de <i>Muay Thai</i>	44
Figura 7 Amanda Nunes, ao lado da companheira Nina, com o prêmio de Visibilidade da Gualdade.....	51

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	09
2 OBJETIVOS.....	10
2.1 OBJETIVO GERAL.....	10
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	10
3 REFERENCIAL TEÓRICO.....	11
3.1 LUTAS E ESPORTE: ALGUMAS COMPARAÇÕES.....	13
3.2 GENERIFICAÇÃO DAS LUTAS.....	16
3.3 ELAS CONTINUAM A LUTAR.....	17
3.4 O FENÔMENO MMA.....	21
3.5 TRAJETÓRIAS DAS MULHERES QUE LUTAM.....	26
4 METODOLOGIA.....	27
5 OBSERVAÇÕES PRESENCIAIS.....	32
5.1 OBSERVAÇÕES PRESENCIAIS <i>MUAY THAI</i>	32
5.2 ESTRUTURA DA AULA DE <i>KRAV MAGA</i> OBSERVADA.....	33
5.3 ESTRUTURA DA AULA DE <i>JIU JITSU</i> OBSERVADA.....	35
6 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	37
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	57
8 REFERÊNCIAS.....	58
9 APÊNDICE.....	61

1 INTRODUÇÃO

Neste trabalho me concentrarei principalmente nos aspectos voltados à prática de lutas realizadas por mulheres e suas representações durante as práticas de combate. Este tema é pertinente, pois as lutas têm ganhado cada vez mais espaço nas academias brasileiras e o público de mulheres participantes é uma realidade cada dia maior. Mesmo se tratando de um crescendo na busca pelas atividades de combate, ainda hoje as praticantes são vistas com desdém por parte da população onde estão inseridas. Este fato possui raízes históricas, pois houve leis contra este tipo de ação em nosso país em um passado próximo. As mulheres nunca deixaram de lutar e esta luta transpassa noções de gênero e segregação que tentei abarcar na escrita deste trabalho.

Praticar uma luta em meio a uma sociedade machista pode não ser tarefa fácil para muitas mulheres, por essa razão justifico minhas motivações acerca do tema colocando em cheque minha experiência como ex-lutador de *Hapkido* e outras artes marciais. Durante muito tempo de prática percebi que as aulas possuíam um número baixo de participantes mulheres em comparação ao número de homens nos mesmos locais. Este fato não se confirmou em minha atual conjuntura como estagiário de musculação na academia onde atuo. Cerca de 10 anos se passaram desde as minhas últimas vivências como lutador e percebi que o público hoje está mais diverso no tatame. Fato este que acendeu minha curiosidade de estudar a respeito destas mudanças e o que estaria ocorrendo. Mesmo sendo um homem, brasileiro, que cresceu envolto a muitos preconceitos, compactuo com as lutas por direitos igualitários de todas as pessoas. Independentemente de sexo, gênero, ou quaisquer outros pontos plurais que aqui poderia listar. Acredito que todos possuem direito de lutar, praticar uma arte marcial por *hobbie*, competitivamente, por saúde, defesa pessoal, e quaisquer outras motivações. Este pensar me fez buscar o trabalho que aqui os apresento.

Para conseguir entender um pouco mais sobre este universo realizei observações de aulas de *Krav Maga*, *Muay Thai* e *Jiu Jitsu*, em uma mesma academia de Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Durante o processo de observação utilizei do recurso de um diário de campo para melhor analisar como cada aula era desenvolvida, se existiam diferenças de tratamento entre os/as

participantes e outros aspectos. Após esta etapa observacional, houve um período de entrevistas com 5 mulheres participantes das aulas de lutas. Especificamente, *Muay Thai* e *Jiu Jitsu*. Todas as participantes eram lutadoras não profissionais, e procurei investigar suas motivações, receios, afinidades familiares e demais outras relações envolvidas ao treinamento de cada uma das mulheres.

2 OBJETIVOS

Considerando o cenário diverso proporcionado pelas artes marciais e minha trajetória pessoal realizei um referencial teórico abrangente discutindo tanto com autores e autoras ligados às lutas, como autoras e autores que colocam em pauta a trajetória das mulheres em nossa sociedade. Com base em muitos ensinamentos trazidos por essas referências construí os objetivos deste estudo:

2.1 OBJETIVO GERAL

O objetivo desta pesquisa é compreender os significados da prática de artes marciais para mulheres de diferentes idades em uma academia da cidade de Porto Alegre/RS.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- a) Identificar os motivos que levam estas mulheres a se aventurarem em um ambiente historicamente construído como machista;
- b) Refletir sobre possíveis alternativas que aumentem a procura das lutas pelo público de mulheres e como reduzir o afastamento de lutadoras iniciantes mediante a possíveis tratamentos diferenciados e/ou preconceituosos;
- c) Compreender os diferentes olhares sobre como as lutadoras amadoras se percebem como mulheres, perante a problemática das lutas em seus cotidianos;
- d) Refletir sobre a problemática do preconceito de existirem mulheres que se identificam com a área das lutas, sendo estas práticas corporais ditas como mais masculinas por grande parte do público brasileiro

3 REFERENCIAL TEÓRICO

Sendo o universo das lutas uma manifestação cultural, diferentes lugares possuirão diferentes contextualizações do mesmo; apesar da afirmativa aqui citada, noto uma constante em muitos dos trabalhos por mim estudados: A afirmação das lutas como uma atividade viril e muitas vezes restrita aos homens. No Brasil segundo Da Rosa *et al.* (2019, p. 58) observa-se que a sociedade brasileira traz consigo uma resistência ao novo e ao diferente, essa resistência está relacionada ao preconceito e à falta de conhecimento. Assim, o imaginário popular tende a justificar o afastamento das mulheres perante as artes marciais devido a ideais errôneos de fragilidade.

Esta fantasiosa credence cai por terra através de estudos recentes. Da Rosa *et al.* (2019, p. 59) relacionam as diferenças entre os sexos a partir da ideia de que o homem é forte e a mulher é frágil como infundadas considerando que existem homens fisicamente frágeis e mulheres fisicamente fortes, dessa maneira gênero deixa de ser visto de modo binário masculino e feminino, e passa a abranger masculinidades e feminilidades, uma vez que tais performances são variáveis.

Nossa sociedade ocidental tende a normalizar condutas violentas como masculinas e representar conceitos demonizados quando vindos de mulheres. Dessa forma existiria um certo exaltar do ímpeto violento dos homens, quanto que nas mulheres o mesmo seria visto como um desequilíbrio, um desvio de conduta. Obviamente quando tais práticas de violência perpassam os ringues e tomam as ruas, tanto homens quanto mulheres acabam por serem julgados como afirmam Corbett *et al.* (2010, p. 10):

Quem manifesta fortes perturbações é considerada vítima de sentimentos que não consegue controlar, podendo vir a sofrer restrições sociais até a internação em presídios ou manicômios. De maneira geral, nas sociedades que adotam elevadas normas de civilização, graças a um estrito controle da violência física por parte do Estado, as tensões pessoais resultantes levam a uma sensação de tensão e stress.

Esta tensão e stress acabam por acarretar diversos problemas de saúde nas pessoas, principalmente problemas de origem psicológica. Assim as lutas surgiriam como uma forma de desopilar das obrigações diárias e aliviar as

tensões acumuladas de uma rotina moderna cada vez mais intensa. Os benefícios das lutas são muitos e nas palavras de Figuerôa *et al.* (2014 p. 205) a prática regular de exercício físico provoca alterações nos aspectos bioquímicos, fisiológicos, psicológicos e cognitivos que são associados a benefícios para a saúde e bem-estar dos praticantes.

Justificadas dessa maneira algumas das vantagens da prática corporal, podemos traçar certos paralelos com a crescente busca por lutas em academias e clubes. Na grande maioria dos casos as artes marciais acabam sendo majoritariamente praticadas pelo público de homens devido a todo retrospecto que comentei anteriormente, porém existe um crescendo de mulheres que seguem buscando cada vez mais este tipo de atividade física. Segundo Elias; Dunning, (1992) *apud* Fernandes *et al.* (2015, p. 367):

As lutas, práticas esportivas que constituem o campo de investigação deste estudo, foram historicamente definidas como território de reserva masculina. Entretanto, mesmo sendo identificadas como práticas esportivas agressivas, de construção e exercício de uma dada masculinidade, as mulheres adentraram nessas arenas há muito tempo e têm disputado modalidades como o *Judô*, *Jiu Jitsu*, *Muay Thai*, *Taekwondo*, *Karatê*, *Boxe* e Artes Marciais Mistas (MMA), exibindo distintas representações de feminilidade.

Se compararmos a aderência deste público a poucos anos atrás, é perceptível o aumento da procura por atividades físicas de contato direto com o oponente. Longe de conseguir responder todos os porquês deste crescimento, primeiramente devemos refletir sobre uma complexa rede de fatores histórico culturais que permeiam nossa sociedade. Frente a estas questões nos deparamos com os trabalhos de Silvana Goellner cuja bibliografia orbita em muitos dos aspectos voltados às mulheres atletas em diversos campos desportivos. “Em sua obra *Bela, Maternal e Feminina: Imagens da Mulher*” na Revista Educação Física (2003) a autora discorre sobre a mulher moldar-se em relação ao mundo e à sociedade para ganhar aceitação dos homens e se tornar atraente. Esta afirmativa pode ser interpretada como fator limitante à algumas mulheres no momento de se desafiarem em uma arte marcial, pois durante esta prática tornar-se-ia complexo manter determinados padrões estéticos.

No entanto, conforme Fernandes *et al.* (2015, p. 369) existem mulheres indiferentes às convenções sociais que se sentem seduzidas e desafiadas a aderir à prática de modalidades consideradas masculinas, muitas vezes seguindo a carreira como lutadoras, se apropriando e conferindo novos significados a esse território ainda tão marcado pela hegemonia masculina.

Não se trata do meu objetivo explicar profundamente sobre a profissionalização desportiva das lutas para com o sexo feminino, mas traçar paralelos que se tornam pertinentes na medida que estas lutadoras tendem a promover a prática desportiva e inspirar outras pessoas a praticarem-na.

3.1 LUTAS E ESPORTE: ALGUMAS COMPARAÇÕES

É perceptível a forma diversa que cada país tende a identificar um esporte como mais masculino ou mais feminino em detrimento a outras práticas corporais. Por exemplo o Futebol, conhecido como *Soccer* nos EUA é amplamente vinculado às práticas desportivas femininas, trazendo inclusive expressivos resultados positivos em competições internacionais. No entanto no Brasil o Futebol de mulheres ainda é visto com maus olhos e preconceito. Concordo com Stigger (2007) quando este se refere ao esporte como elemento da cultura difundido mundialmente dentro de padrões semelhantes, as lutas parecem funcionar da mesma forma.

Sobre o assunto, Da Rosa *et al.* (2019, p.60) ressaltam que o fato de uma mulher praticar alguma modalidade de luta, jogar futebol ou simplesmente não gostar de maquiagem, uma vez que estes são contrários aos padrões designados culturalmente em nossa sociedade como sendo feminino, torna-se motivo para que sua sexualidade seja questionada. Ainda sobre comparações entre os diferentes sexos perante a mesma modalidade, Oliveira (2008, p. 32) descreve: “No futebol, o corpo da mulher é encarado como um corpo feminino em uma prática masculina, assim como na dança e na ginástica existe essa ‘comparação’ em relação à participação masculina”.

Claro que atletas de ponta como Marta contribuem e muito para a quebra de paradigmas, crescimento e manutenção do futebol entre as mulheres em nosso país, porém a mesma jogadora é reconhecida por grande parte do público apenas quando atua na seleção principal nacional (SBFF- FIFA). O esporte em

questão desta forma ainda permanece marginalizado e entremeado por convencionalismos que acabam por limitar o acesso e reduzir sua disseminação ao público consumidor. Justifico esta informação através da exposição midiática que uma final de brasileirão masculino é capaz de provocar em relação à mesma final em sua contraparte feminina.

Perceba nas imagens abaixo o quão discrepante é o público presente em ambas finais de diferentes campeonatos. Note que apesar de se tratarem de equipes diferentes (feminina e masculina) trata-se do mesmo time brasileiro, o Corinthians:

Figura 1: Time feminino Corinthians com cerca de 2.500 ingressos vendidos antecipadamente em um público total 3.895 em 2019



Fonte: Sérgio Barzaghi/ Gazeta Press

Figura 2: Clube Corintiano masculino lotação máxima do estádio em 2018 com cerca de 49.200 pagantes



Fonte: Daniel Augusto Jr/Agência Corinthians

Este trabalho não tratará do futebol de mulheres em si, mas julgo importante trazer estas imagens para ilustrar o quanto é discrepante a mesma atenção de público e mídia para com uma mesma modalidade, porém entre mulheres e homens. Perceba que os incentivos não são os mesmos, o engajamento de público não é o mesmo, o que acaba por dificultar o acesso e profissionalização desportiva do então conhecido “futebol feminino”. Esta disparidade permanece em outras atividades corporais, seja no tratamento, ou nos rendimentos (salários), as mulheres tendem a não receber os mesmos tratamentos.

Guardadas as devidas proporções, o universo das lutas segue um caminho a parte perante as diversas práticas desportivas existentes na cultura corporal de movimento. Trata-se de uma das práticas corporais, mais amplamente associadas ao público masculino em diversos países, mesmo naqueles onde existe uma tradição lutadora. Vejamos o que acontece na Tailândia, berço do *Muay Thai*, segundo Molineiro (2010, p.157 - 158):

A própria história do *Muay Thai* mostra que as mulheres sempre foram excluídas. Na Tailândia, berço do *Muay Thai*, as mulheres, em um passado recente, não podiam sequer assistir as lutas nos ginásios onde aconteciam os combates, havendo a crença que elas trariam má sorte aos lutadores. Vemos, ainda nos dias de hoje em seu país de origem, diversos campos em que elas não podem treinar e outros aonde treinam em ringues separados dos homens.

É difícil imaginar um país cujo esporte é exportado para todo o globo permanecer com ideais tão segregacionistas. Imagine quantas mulheres que se identificam com a prática e acabaram por abandoná-la ou nem mesmo começá-la perante barreiras proibitivas de puro preconceito. O impedimento de mulheres acessarem os ambientes de treinamento ainda é deveras presente em alguns lugares, isso em pleno século 21, o que pode parecer inconcebível.

Difícil de quantificar quantas meninas nem ao menos conseguiram a oportunidade de praticar e tirarem suas próprias conclusões sobre as artes marciais. Nesse aspecto os meninos parecem ter maior vantagem, porém, o que pensam as mulheres capazes de adentrar este sistema opressor? O que as faz lutar contra um sistema operado por séculos de machismo? Na medida do possível tentarei discorrer sobre estes e outros temas pertinentes à presença de mulheres nas lutas.

3.2 GENERIFICAÇÃO DAS LUTAS

Toda esta diferenciação possui raízes mais profundas em nosso país, e a escola parece ser um importante ponto de perpetuação de alguns preconceitos. Siqueira e Cunha (2013) em seu trabalho *Relações de gênero e suas implicações no ambiente escolar*, apontam que a identidade "de mulher" é uma construção histórica e social, não é inata ou universal, variando de contexto para contexto. Corroborando dessa forma com as afirmações de Bernabé e Quirino (2020, p. 11) a respeito das mesmas autoras, ainda citando que os meios da construção de gênero perpassam pela educação familiar e escolar, pelos estereótipos presentes nas mídias e literaturas, pelas representações sociais de feminilidade e masculinidade, pelos sexismos presentes na linguagem, pela violência simbólica, entre outros mecanismos que influenciam e determinam o comportamento de homens e mulheres, delimitando a identidade dos sujeitos.

Entende-se que o esporte em geral (coletivo, individual, de contato com o adversário, ou não) deve ser oferecido e estimulado ao máximo possível de público. Esta é a premissa básica orientada a todos os futuros professores de Educação Física (EF) durante a graduação, ou ao menos assim deveria ser.

Sendo a Universidade um local de formação de professores/as e demais profissionais que irão contribuir na formação de

outros/as cidadãos/ãs, torna-se necessária a abordagem de temas como “Mulher no *Muay Thai* e o preconceito”, visto que grande parte da sociedade marginaliza aqueles/as que saem dos padrões ditos normais, estereotipando e discriminando, por exemplo, as mulheres lutadoras. Mesmo a mulher batalhando em busca de espaço em meio a uma cultura machista, esta ainda é vista como sexo frágil e incapaz. Já a Educação Física por tratar da cultura de movimento, em volta das questões de inclusão, deve trabalhar este tema para que possa formar alunos/as com posicionamento aberto/reflexivo perante às diferenças. (DA ROSA *et al.* 2019, p. 58)

Mesmo assim, observamos algumas barreiras que tendem a surgir durante a prática profissional destas/es futuras/os educadoras/es, sejam elas devido à falta de conhecimento, crenças segregacionistas enraizadas no docente, ou um preconceito perpetuado durante sua trajetória como praticante de determinado esporte. Estas tendências ultrapassadas, mas ainda presentes em muitos locais tendem a separar as pessoas e a não oportunizar o acesso de parte do público à cultura corporal de movimento (Mauro Betti (1996) e Valter Bracht (1992, 1999)).

Existe dessa maneira toda uma cultura segregacionista que tende a cobrar certas ações de homens e mulheres. Fugir dessa “normalidade” é algo tratado como errado, vergonhoso, exótico, e restringe parte do público às práticas hegemônicas de cada sexo, infelizmente. Sobre o assunto, Da Rosa *et al.* (2019) descrevem uma constante batalha da mulher em busca de espaço em meio a uma cultura machista, estas mulheres ainda sendo vistas como sexo frágil e incapaz. A educação física por tratar da cultura de movimento, tendo este panorama como alvo de atuação direta, deve trabalhar o tema posicionando os alunos/as acerca da inclusão e posicionamento aberto/reflexivo perante às diferenças.

3.3 ELAS CONTINUAM A LUTAR

Uma faceta importante a se comentar diz respeito à entrada de mulheres no ambiente de práticas de combate. Muitas vezes estas lutadoras acabam por se submeterem a treinamentos diferenciados de seus colegas homens, treinando até mesmo em ringues separados.

Adentrar no ambiente machista das lutas muitas vezes é tarefa complexa e a descontinuidade das aulas é uma questão de tempo à grande parcela do público feminino que as busca. Nas palavras de Bernabé e Quirino (2020, p.3): “Essas crenças sexistas são tão fortemente incorporadas à sociedade que além de limitar o acesso da mulher a certas modalidades esportivas, também inviabiliza a ascensão delas às esferas de poder”. Assim traçando diferentes paralelos, o problema da inclusão permeia toda sociedade brasileira nas mais diversas esferas, sendo elas empresariais, políticas, ou quaisquer outras. Pensando dessa forma a palavra “luta” ganha significados muito mais abrangentes que o simples fato de combater um adversário.

Trata-se da luta diária travada por diversas mulheres contra os sistemas opressores que as rodeiam. Uma luta por maior voz e igualdade de peso em suas decisões. O imaginário de “sexo frágil” tem perdido força graças a mulheres pioneiras que têm cada vez mais rompido com os preconceitos vigentes. A frase “LUTE COMO UMA GAROTA” virou uma espécie de slogan para médicas, professoras, policiais, mães, estudantes... enfim, muitas mulheres independentemente de seu grau de instrução, suas crenças, idades ou profissões.

Figura 3: Manuela D'Ávila influente política portoalegrense



Fonte: Instagram. Disponível em:
https://www.instagram.com/manueladavila/?utm_source=ig_embed (acesso em 25/03/21).

O tema por si só é extremamente abrangente, mas possui paralelos importantes entre os ringues e nossa sociedade como um todo. O

empoderamento feminino surge através de exemplos como Maju Coutinho na televisão, Manuela D'Ávila e Marielle Franco na política, Amanda Nunes nos octógonos e muitas outras pertencentes ou não a minorias. Estas mulheres ofertam de maneira indireta ferramentas contra a opressão do machismo e contribuem para o empoderamento de outras garotas.

Figura 4: Manifestação feminista em 2017



Fonte: Google. Disponível em: <https://peita.me/blogs/news/lute-como-uma-garota-completa-1-ano-em-marco> (acesso em 25/03/21).

Mesmo que hoje exista uma aparente facilidade de iniciar à prática de combate em nosso país, as mulheres lutadoras passam por inúmeras outras provações diariamente. No Brasil em tempos recentes segundo Lima (2008, p. 1) a proibição de treinamento em lutas como o *Muay Thai* nunca ocorreu, bastando a aluna entrar em uma academia que ofertasse a modalidade. Em contraponto à afirmação de Lima houve um Decreto Lei em 1941 cujo artigo 54 n. 3199 impediam as mulheres de praticar esportes considerados incompatíveis com a sua “natureza”, como lutas, ou modalidades que exigiam maior contato corporal e extravasassem agressividade (LARDIES, 1951 apud BERNABÉ, 2020). Curiosamente, outras modalidades no mesmo período eram permitidas, desde que deixassem a graciosidade e a beleza feminina à mostra, respeitando determinadas restrições (GOELLNER, 2005). Estas restrições impostas pelo General Newton Cavalcanti hoje completam 80 anos, mesmo assim, algumas dessas advertências tendem a permanecer no subconsciente de parte da

população brasileira e refletem negativamente na construção de novos-velhos preconceitos.

As mulheres em nosso país, mesmo sem o devido tratamento nunca deixaram de praticar lutas, mesmo quando eram proibidas de o fazerem. Segundo Bernabé e Quirino (2020) em 1979 por exemplo, Joaquim Mamede de Carvalho e Silva, então presidente da Confederação Brasileira de Judô, tratou de inscrever mulheres com nomes masculinos no campeonato Sul-americano de judô em Montevideu Uruguai. Este artifício criado em resposta às proibições do Decreto nº7/65 permitiu que quatro judocas participassem da competição, possibilitando duas medalhas de ouro e uma de bronze para o Brasil. Este fato de acordo com Souza (2006) contribuiu para a futura revogação desta proibição, pois após ser chamado para prestar esclarecimentos ao CND, Mamede levou as atletas de quimono com suas medalhas no peito, o que impressionou os oficiais presentes.

No âmbito do esporte, segundo BUTLER (1999) apud Fernandes *et al.* (2015, p. 371),

os sujeitos são pensados como masculinos e femininos a partir de sua natureza. Decorrente dessa normalização, alguns esportes são tidos como mais “masculinos e/ou femininos”, os quais são indicados para homens e/ou mulheres. Aqui, como em tantas outras situações, a ordem binária legitima-se diante de argumentos pautados pelo dimorfismo sexual, o qual, por sua vez, cria uma ordem de gênero que vai designar como apropriado ou impróprio às representações vinculadas ao domínio masculino e/ou feminino.

Assim como o Esporte as Lutas carregam traços em comum, porém mesmo assim este conjunto de práticas corporais se distanciam em diversos aspectos. Existe uma dimensão social diferente entre as lutas e outros desportos que muitas vezes acabam por transpassar os valores ditos como hegemônicos. Em outras palavras, algumas lutas mais clássicas no circuito olímpico possuem uma aproximação maior à atividades desportivas, o Judô por exemplo, possuindo um sistema de pontuação bem definido, um limite de tempo, series de faltas e penalidades, etc. Porém até mesmo esta luta, em sua concepção, também se distanciava dos esportes convencionais, pois lidava com golpes de contusão grave que posteriormente foram adaptados e suavizados para ficarem melhor palatáveis ao público presente nas competições de Judô.

3.4 O FENÔMENO MMA

O âmbito competitivo das lutas se difere em cada uma das diferentes artes marciais. Derivado do antigo Vale-tudo, o MMA (*Mixed Martial Arts*) surge como uma tentativa de integrar estas diferentes lutas em um único espetáculo. MMA trata-se de um fenômeno global capaz de arrebatrar fãs e movimentar uma indústria milionária. O sangue, tão presente nos combates desse tipo ainda é tabu para nossa sociedade. Quando pensamos no envolvimento de mulheres no octógono¹, esta agressividade intrínseca do combate profissional ganha contornos diferentes, ainda mais preconceituosos.

Figura 5: Atletas Paige VanZant antes e depois de sua primeira luta no UFC



Fonte: Google. Disponível em:

<https://www.bloodyelbow.com/2021/2/1/22260726/paige-vanzant-bare-knuckle-boxing-debut-injurie-potential-cuts-bkfc-knucklemania-mma-new> (acesso em 07/04/2021).

A imagem anterior apesar de forte é capaz de ilustrar o quanto as lutas profissionais podem ser sangrentas. De certo modo o sangue escorrendo no rosto desfigurado da atleta Paige VanZant não é nem um pouco convidativo para uma parcela do público consumidor de eventos desportivos. Contudo, esta exposição faz parte das lutas espetacularizadas, tanto em combates entre homens como entre mulheres e contribui na venda do produto (ingressos,

¹ Tatame de competição em formato octogonal, com 8 lados, fechado em suas extremidades por uma cerca transparente de 1,8m de altura, da lona ao topo da cerca, usado em competições de MMA (Artes Marciais Mistas).

exibição televisiva, roupas, materiais de treinamento, etc.). Pessoas sensíveis se chocariam de imediato ao testemunhar uma luta desse tipo e está tudo bem. Ninguém é obrigado a consumir este tipo de espetáculo e as atletas ali dispostas a competir estão preparadas para as demandas físicas do octógono. Courtine (2013, p.13) discorre sobre este tema no trecho a seguir:

As lutadoras de MMA fogem ao padrão segundo o qual as mulheres seriam delicadas, frágeis, sensíveis, passivas. Estas mulheres gostam de uma modalidade que ainda choca a muitas pessoas por sua suposta violência, cuja prática, ao menos dentro dos *cages* e ambientes de treinamento, exige que sejam fisicamente fortes, ativas, agressivas, impiedosas e resistentes à dor, o que as aproxima do modelo de masculinidade associado ao poder viril.

Outro aspecto a ser levado em consideração talvez vai ao encontro da figura feminina ali brutalizada. Nossa conduta tende a remeter um rosto feminino a algo belo, limpo, que nada tem a ver com os ferimentos apresentados em uma luta. No Brasil estamos “acostumados” à violência doméstica que infelizmente segue presente em muitos lares. Sobre o assunto alguns autores descrevem:

Os dados demonstram a dificuldade dessas mulheres para denunciar a violência ou para expressar essas experiências, levando ao silêncio, ao isolamento, ao sentimento de culpa e de vergonha. A violência doméstica é perpassada por uma série de questões de gênero que admitem comportamentos agressivos por parte dos homens e exigem uma postura dócil e submissa por parte das mulheres. Essas representações levam à inversão da culpa de quem realizou a violência para quem a sofreu (MOREIRA; BORIS; VENÂNCIO, 2011).

Mesmo sabendo diferenciar o âmbito doméstico do desportivo, um rosto de mulher machucado acaba por me trazer o desconforto de assistir uma reportagem de violência contra mulheres e feminicídio. Talvez esta mesma tônica também seja percebida por algumas pessoas ao se depararem com esta imagem violenta, porém não são capazes de separar estes ícones (violência gratuita e desmedida X lesões decorrentes do combate consensual).

As mulheres foram incluídas na principal vitrine de combate da modalidade o UFC (*Ultimate Fighting Championship*) apenas muito recentemente. Mesmo assim nomes de lutadoras de diferentes nacionalidades crescem a cada ano no evento, mas o trajeto percorrido por estas ao estrelato é peculiar e bem diferente aos homens. Duas colaboradoras do trabalho

possuem opiniões distintas quando perguntadas sobre o acompanhamento de lutas ao vivo em ginásios e na televisão:

Olha eu acompanho bastante as mulheres na TV e nas redes sociais. Eu admiro elas bastante porque justamente tu ser mulher é bastante difícil, tu não tem tanta força, apanha bastante, tem algumas situações que são um pouco chatas e tudo mais que tu pode passar. Principalmente a questão que eu sempre falo, não quero que pegue leve comigo, não quero, eu gosto que role de igual pra igual comigo, mas assim, por eu saber como é a realidade, eu admiro muito as mulheres que lutam sabe? E aí vai um monte: Lia Basílio, Amanda Nunes, Bia Mesquita também, a Júlia Mackenzie... todas lutam *Jiu* ou fizeram também outros esportes. Eu acompanho a trajetória delas, postagens, campeonatos, e fico pensando... Bah! É esse o nível que quero tá! Ser reconhecida por estar nesse esporte que todas sabemos ser muito difícil (Jéssica, entrevista realizada em 02/03/21).

Eu não paro muito pra ver lutas na televisão, acho desnecessário. Respeito quem gosta, mas pra mim “porradaria” só em filmes (risos). Amo os clássicos do Jackie Chan e Bruce Lee, além dos filmes novos de heróis *Marvel*. Quando eu to socando durante a aula quero fazer igual ao Hulk (risos) (Elizete, entrevista realizada em 13/02/21).

Cada uma percebe e consome de maneiras distintas as lutas transmitidas na televisão. Jéssica acompanha as disputas por cinturão e segue suas lutadoras favoritas nas redes sociais. Elizete por sua vez gosta de assistir lutas coreografadas em filmes de ação e também possui seus favoritos. Cada uma em seu modo vivencia as lutas durante os treinamentos na academia e se identifica com uma forma diferente de exposição na mídia. É interessante perceber que quanto mais diversos forem os tipos de conteúdo envolvendo a temática do combate, mais meninas podem vir a se inspirarem e iniciar uma arte marcial.

O MMA devido sua popularidade possui grandes potencialidades em quebrar paradigmas sobre as mulheres lutadoras, fomentando uma nova leva de mulheres a praticarem uma luta, seja ela qual for. Segundo Netoa *et al.* (2016, p. 408):

O MMA aparece como a segunda modalidade esportiva mais noticiada, atrás apenas do futebol. Um indício que contribui para afirmar esse potencial no Brasil foi a cobertura e transmissão (ao vivo) feita no início de 2012 pelo principal canal aberto de televisão do Brasil, a Rede Globo, que contou com a participação de seu mais conhecido narrador esportivo, Galvão Bueno. Outra

indicação interessante é que essa mesma emissora abordou a temática do MMA no seu horário de maior audiência, em sua telenovela “Fina Estampa” exibida entre agosto de 2011 e março de 2012.

Esta mesma novela citada “Fina Estampa” foi recentemente reexibida em horário nobre na mesma emissora de TV aberta. Assim sendo, com toda a exposição midiática envolvida, poderíamos considerar o MMA um esporte palatável para o público brasileiro? Tanto quanto o futebol masculino? Sim, em alguns aspectos, porém este trabalho seguirá optando em direcionar o tema das lutas como um fenômeno cultural e a parte das demais práticas corporais institucionalizadas.

Como já apontei, as artes marciais como um todo durante muito tempo foram definidas através de ideais que fugiriam da fragilidade e se afirmariam como um aspecto de afirmação de virilidade. Sabe-se hoje que as mulheres estiveram sempre presentes no mundo das lutas, porém as mesmas não recebiam visibilidade e muitas vezes precisavam treinar às escondidas, durante a noite e sem um circuito competitivo legal. Após longos anos de “marginalidade”, lutas como o MMA parecem ter encontrado seu espaço entre as mulheres e no gosto popular.

A ascensão da luta mista no Brasil foi extremamente rápida. O apoio da mídia foi fundamental neste processo e, assim como no futebol, representou uma construção social com viés demarcado de gênero. No que se refere à participação das mulheres no MMA, o próprio UFC demorou a incluí-las em seu circuito competitivo. A primeira luta da história do evento ocorreu entre *Ronda Rousey* e *Liz Carmouche* na edição de número 157 apenas em fevereiro de 2013, onde fora disputado o cinturão do peso galo. Tendo em vista a contraparte dos homens e sua primeira luta 20 anos antes (1993), vemos que houve uma grande demora para que os organizadores se interessassem no evento. Mesmo assim é importante frisar que as mulheres já participavam de lutas em arena há muito mais tempo, como a reportagem na Revista Isto É publicou e fora citada por LEOS (2009, p. 369):

O vale-tudo deixou de ser um esporte tipicamente masculino. Nos últimos cinco anos, mestres na arte marcial que reúne técnicas e regras de várias lutas têm acompanhado o aumento do interesse feminino pelo esporte. Estimativas de quem está no

ramo há décadas dão conta de que o número de mulheres que querem praticar a luta dobrou entre 2004 e 2009. Atletas e treinadores chegam a falar em três a quatro vezes mais interessadas. Mas o preconceito continua. As atletas recebem bonificações inferiores às dos homens por disputa e sofrem para encontrar campeonatos nacionais abertos aos combates.

Todo este contexto ainda possui outras questões voltadas à espetacularização cada vez mais exacerbada dos eventos e exposição de suas lutadoras. *Ronda Rousey* por exemplo fora alçada a símbolo sexual e após algumas temporadas negativas teve suas características físicas maior ressaltadas se comparadas às suas técnicas de combate. Hoje, suas vitórias e conquistas passadas parecem não mais possuir tanta relevância entre o circuito competitivo quando postas à prova de revistas e filmes de ação onde a atleta é atrelada.

Netoa *et al.* (2016, p. 409) buscaram descrever a ambivalência que uma lutadora profissional precisa conviver, sendo forte, agressiva e competitiva sem se distanciar de uma representação conservadora e, até mesmo, erotizada do que é ser mulher. Dessa forma não bastaria a lutadora ser competente em suas lutas, mas também possuir um corpo dentro dos padrões para dessa forma manter-se valorizada no meio.

Seguindo esta lógica, para uma lutadora não bastaria apenas vencer seus embates, é preciso também explorar sua imagem corporal. Se esta exploração ocorrer de maneira sensualizada, melhor ainda. Para um mercado cada vez mais voraz, destacar-se pela beleza e sensualidade parece ter se tornado pré-requisito para uma ascensão dentro do universo das lutas profissionais entre mulheres, mas tem efeitos drásticos para as questões que envolvem igualdade de gênero e a objetificação das mulheres. Este fato deve ser analisado com cuidado, pois um lutador homem não precisa ser belo para obter sucesso no mercado das lutas espetacularizadas, basta este possuir qualificações marciais, boa resistência e um pouco de carisma. Este panorama tende a reverberar no combate amador das academias, tanto para atrair, como muitas vezes excluir possíveis praticantes.

3.5 TRAJETÓRIAS DAS MULHERES QUE LUTAM

Os perfis de cada uma das mulheres participantes do trabalho são bastante distintos, sendo as características preponderantes a matrícula na mesma academia de referência, e a residência na mesma cidade. Com exceção de Tamara, todas as mulheres aqui entrevistadas são residentes do mesmo bairro, possuindo assim bastante proximidade entre suas casas e a academia frequentada.

Todas as participantes do estudo são trabalhadoras, sendo duas donas de seu próprio negócio; Tamara empreendedora de uma sorveteria e Elizete proprietária de uma loja de roupas; Jéssica é massoterapeuta autônoma; Carla é professora em uma escola de educação infantil e Maria secretária em um escritório de advocacia.

Jéssica está cursando os últimos períodos de um curso técnico em estética e Tamara finaliza sua graduação em gestão de recursos humanos. Elizete realiza um curso de língua inglesa enquanto Maria e Carla relataram não estarem estudando no momento.

Um fato a ser destacado é o estado civil de todas as envolvidas na presente pesquisa. As mulheres aqui entrevistadas estavam solteiras no momento das entrevistas. Este fato não foi critério selecionador das participantes, porém apareceu durante o processo de entrevista e feitura do trabalho e me proporcionou boas reflexões acerca do tema. Comentarei mais a respeito deste fato a partir de alguns dos relatos registrados, como o seguinte:

É muito difícil e não é à toa que no meu grupo só tem eu de mulher. E claro, tem toda aquela coisa que o *Jiu Jitsu* não vende. Quando tu olha de fora tu não fica assim: Meu Deus! Que esporte! Quero praticar! É mais tipo assim quando tu vai. A mulher tem mais esse sentimento ainda, porque quando eu olhava eu pensava: Bah! Ficar se esfregando com um monte de homem suado... porque eu não entendia o jogo, então eu acho que é um pouquinho mais difícil pra mulher se interessar por isso. Eu também acredito por exemplo, que quando eu entrei era solteira, muito dona do meu nariz, fazia o que eu queria, então eu acho que se fosse casada ou se eu tivesse um namorado, com certeza eu teria aquela coisa do namorado falar: Ah! Tu vai ficar aí se esfregando com um bando de homem!? Entendeu? Um homem ir treinar com um homem é tranquilo, mas pra mulher que quer se inserir ali... no começo não é fácil. Tem barreiras sociais demais, eu falo porque eu vi assim, é muito nítido quando tu entra (Jéssica, entrevista realizada em 02/03/21).

Este relato de Jéssica demonstra o quanto é difícil uma mulher iniciar um treinamento marcial, pois esta possui seus próprios preconceitos e acaba por se restringir em virtude de possíveis atitudes negativas de seu companheiro.

Pras mulheres que entram e permanecem é muito legal porque só te enriquece, o *Jiu* só trouxe coisas boas pra minha vida. Desenvolvimento como pessoa, como atleta, em relação a tudo assim, só me acrescentou (Jéssica, entrevista realizada em 02/03/21).

A última citação aqui reproduzida ilustra o potencial que as lutas podem ter no desenvolvimento pessoal de uma mulher que consiga permanecer lutando. As barreiras podem ser muitas, é verdade, mas há aquelas mulheres que conseguem as transpassar. Parte deste trabalho se apoiará nos relatos destas praticantes.

Assim finalizo meu referencial teórico a partir de amplos comparativos que julgo pertinentes para a construção do perfil de uma mulher lutadora, trazendo exemplos sobre o assunto e parafraseando uma das minhas entrevistadas. Realizei um breve apanhado histórico de como a popularidade das lutas vem se desenvolvendo em nosso país e em especial para com as mulheres. Comentei sobre o necessário empoderamento feminino em ambientes hegemonicamente masculinos que transpassa as atividades de combate. A constante provação de mulheres serem boas lutadoras perante o preconceito e objetificação/sexualização de seus corpos, enquanto o mesmo não ocorre aos homens. Enfim, procurei desenvolver raciocínios sobre as complexas e desiguais realidades enfrentadas pelas mulheres e os diferentes caminhos que estas tendem a se depararem ao ingressarem nas artes marciais.

4 METODOLOGIA

Realizei este trabalho a partir de uma investigação qualitativa e em relação à este tipo de pesquisa, Negrine (2010, p. 61) propõe:

A investigação qualitativa se centra na descrição e análise e na interpretação e discussão das informações recolhidas no processo investigatório, procurando entendê-las de forma contextualizada. Nas pesquisas de corte qualitativo não há preocupação em generalizar os achados.

Esta forma de pesquisar me auxiliou na obtenção de possíveis respostas para os questionamentos aqui relatados, nessa perspectiva, partindo de casos reais e específicos às mulheres lutadoras.

Apesar de não se tratar de uma etnografia, este trabalho possui muitas características em comum com esta proposta metodológica. Oliveira (1996) ressalta em sua obra "O Trabalho do Antropólogo" a importância de olhar, ouvir e escrever. Estes foram os mesmos preceitos que me deparei durante o processo de pesquisa e escrita deste estudo. Por essa razão me baseei nos conceitos metodológicos de Oliveira para produzir uma escrita apurada a partir das informações obtidas ao longo das observações e entrevistas. Este autor (1996, p. 15) descreve justamente os desafios do observador no seguinte trecho:

Talvez a primeira experiência do pesquisador de campo (ou no campo) esteja na domesticação teórica de seu olhar. Isso porque, a partir do momento em que nos sentimos preparados para a investigação empírica, o objeto sobre o qual dirigimos o nosso olhar já foi previamente alterado pelo próprio modo de visual.

Foi um desafio aprender a olhar no contexto mais apurado da palavra, ou seja, não como um mero expectador, mas como pesquisador. Acredito que o processo como um todo contribuiu para um enriquecimento intelectual e a leitura de diferentes artigos foram fundamentais para que aprendesse a lidar como tal. Trago aqui minhas perspectivas e apontamentos usando como base Oliveira e outros autores e autoras. O ponto de vista que aqui os trago será reflexo de meu olhar e interpretação, assim, não se tratará de argumentos certos ou errados, podendo serem discutidos no futuro a partir de diferentes olhares sobre um mesmo contexto.

Para este trabalho as observações foram feitas em uma academia de ginástica que ofertam modalidades de lutas. As observações não ocorreram de maneira participativa, pois permaneci do lado de fora das atividades de combate munido de um caderno de anotações. Durante três aulas, em três dias distintos, transcrevi em meu diário de campo como as aulas de lutas se desenvolveram.

Destaco o diário de campo como uma importante ferramenta no processo de pesquisa e para tanto me apoio em Silva (2007, p. 80): "O diário de campo consiste em registros e anotações pessoais sobre as idas a campo e dos diversos ambientes observados". O diário neste estudo se materializa como um

caderno de observações, onde foi possível anotar todos os fatos considerados relevantes por mim no momento das observações para uma posterior análise. Sobre este processo Silva (2007, p. 80) comenta: “ Por estar muito associado às observações, é possível dizer que o diário é a sistematização das observações realizadas no campo”. Reitero assim a importância da utilização do diário de campo como um instrumento efetivo de pesquisa e observação, capaz de ajudar no processo de tradução entre o ambiente onde o pesquisador está inserido e o trabalho acadêmico por ele proposto.

Outro aspecto importante é o fato de aprender a ouvir. Este trabalho de conclusão é firmado através de entrevistas semiestruturadas. Dessa forma foi possível obter respostas satisfatórias de acordo com o andamento das entrevistas em si. Assim, cada entrevista possuiu suas peculiaridades conforme o andamento da conversa com cada uma das mulheres. Diferentes questões foram elaboradas de acordo com o momento e as diferentes respostas obtidas em cada um dos casos. Desta maneira, o tempo de duração de cada uma das entrevistas fora bastante distinto, variando de um mínimo de 35 minutos à 1 hora e 30 minutos na mais longa. O tempo total de conteúdo obtido em arquivos de áudio foi de 247 minutos e estes foram obtidos através do uso de um *smartphone* com conexão *online* via *WhatsApp* e o microfone de um computador para capturar ambas as vozes (pesquisador e entrevistada). Estas entrevistas foram posteriormente transcritas e analisadas de maneira com que dialogassem entre si e com diferentes autores, contextualizando o presente trabalho.

Houve uma prévia roteirização de minha parte apenas para nortear certos pontos que julguei importantes discutir com minhas colaboradoras, porém como já descrevi, boa parte das conversas ocorreram a partir de questionamentos emergentes às respostas que vinham surgindo. A entrevista semiestruturada foi útil pois percebi que as perguntas previamente roteirizadas não seriam capazes de alcançar determinados pontos e/ou deixariam a conversa menos fluida. O roteiro utilizado por mim durante a realização das entrevistas contidas a seguir está disponível ao final deste trabalho como Apêndice.

Em virtude da pandemia do vírus Covid-19 todas as conversas foram realizadas através de chamadas online de áudio, resguardando desta maneira tanto a imagem como a saúde das entrevistadas e pesquisador. Por questões

éticas todas os nomes das participantes e demais profissionais por elas citados serão substituídos neste trabalho por outros fictícios, sem nenhuma relação direta às envolvidas. Os “nomes” das entrevistadas acompanhados por suas respectivas idades reais no momento da pesquisa são por ordem crescente: Jéssica 20, Tamara 31, Carla 36, Elizete 40 e Maria 53 anos.

As entrevistas realizadas por mim com estas cinco mulheres praticantes de lutas abrangem o período de 13 de fevereiro à 2 de março de 2021. Estas participantes da pesquisa foram escolhidas por conveniência, dessa forma, todas estavam matriculadas em uma mesma academia de Porto Alegre onde eu como estudante de bacharelado em Educação Física realizo estágio profissional. Foi realizado convite verbal a todas as envolvidas ao término de cada uma das aulas observadas.

Sobre o ato de entrevistar, compactuo da mesma opinião de Oliveira (1996) que exemplificou através de entrevistas com povos indígenas.

Trocando ideias e informações entre si, etnólogo e nativo, ambos igualmente guindados a interlocutores, abrem-se a um diálogo em tudo e por tudo superior, metodologicamente falando, à antiga relação pesquisador/informante. O Ouvir ganha em qualidade e altera uma relação, qual estrada de mão única, numa outra, de mão dupla, portanto, uma verdadeira interação (OLIVEIRA 1996, p. 21)

Trocando o contexto de “nativo” trazido pelo autor consigo estabelecer uma linha de raciocínio semelhante para com as minhas entrevistadas. As entrevistas foram construídas em conjunto e ambas as partes possuíram relevância no processo de construção.

O escrever sem dúvida é uma das partes mais desafiadoras do trabalho. Me fazer entender e ao mesmo tempo conseguir transcrever os conteúdos ouvidos nas entrevistas não foi tarefa fácil. Para me ajudar no processo de escrita me apoio novamente em Oliveira (1996, p. 26):

(...) nos dar uma ideia dessa sociedade como uma entidade extraordinariamente viva. Essa visão holística, todavia, não significa retratar a totalidade de uma cultura, mas somente ter em conta que a cultura, sendo totalizadora, mesmo que parcialmente descrita, sempre deve ser tomada por referência.

Por essa razão tentei me aproximar ao máximo de um relato fidedigno das aulas observadas e vivências das mulheres aqui participantes, porém tendo a consciência de que não seria possível abarcar toda a riqueza que as visitas de

campo e conversas puderam esclarecer. Nesse sentido, encaro meu texto como um norteador àqueles dispostos a aprender um pouco mais sobre o universo das mulheres que lutam.

Para este fim me agarrarei ao estudo de Stigger (2007) que procura relacionar as diferentes estruturas que o esporte está inserido, seus diferentes atores e grupos sociais. Assim o autor descreve:

(...) a heterogeneidade das manifestações desportivas tendo como referência as relações de conflito acerca do que seria o bom uso do esporte, esses autores abriram espaço para que se identificasse essa prática como uma atividade passível de ser apropriada de diversas formas, por diferentes pessoas e grupos sociais, em diversas realidades específicas, onde, com características distintas, inserir-se-ia em estilos de vida particulares (STIGGER, 2007, p. 32).

Delineando uma comparação, mesmo não se tratando do esporte em si, aqui veremos diferentes mulheres com diferentes pontos de vistas sobre as lutas que praticam. Algumas o fazem por lazer, outras por condicionamento físico, saúde e até mesmo competitivamente em circuitos amadores. Estas heterogeneidades de modos de viver as lutas enriquecem esta pesquisa, pois traçam caminhos pelos quais parte das mulheres tendem a se interessar.

Para discutir estas e outras perguntas me baseei nos conceitos de pesquisa etnográfica. Segundo Durham (1986, p. 7) *apud* Stigger (2007).

A referência aos estudos etnográficos remete a uma forma de olhar para os fenômenos culturais que se sustenta na tradição antropológica de investigação – uma tradição que surge dos esforços despendidos pelos povos europeus, ao tentar compreender os costumes estranhos das populações com quem passaram a ter contatos, nas suas incursões por outras regiões do mundo. Nesse esforço, desenvolveu-se uma “espécie de ciência da tradução”.

Esta tradução diz respeito aos diferentes comportamentos coletivos. Estes não são naturais das pessoas, mas construídos socialmente. Assim existe uma tradição investigativa que compreende também que, por mais estranhos que pareçam, todos os padrões de comportamento de grupos culturais diferenciados, possuem significados e fazem sentido. Entende-se ainda que para decifrá-los, o investigador necessita identifica-los não isoladamente, mas como parte do sistema no qual estão inseridos. A investigação de caráter etnográfico volta-se hoje para a sua própria sociedade, se preocupando em descobrir como

se constroem e se desenvolvem práticas culturais que à primeira vista e por estarem fortemente inseridas nas nossas vidas costumamos considerar quase que parte da nossa natureza.

Nesse caminho, os antropólogos de acordo com Stigger (2007, p.34) começaram a fazer descobertas surpreendentes, como identificar que em um contexto heterogêneo como o dos grandes núcleos urbanos, hábitos e valores, que parecem ser muito semelhantes, mostram-se muitas vezes, bastante diferentes. Investigo a partir destes pressupostos as integrações entre diferentes indivíduos sobre uma mesma temática, suas interpretações, comportamentos, representações e práticas. Todos a partir de um processo de imersão do pesquisador, no caso eu, na cultura estudada.

5 OBSERVAÇÕES PRESENCIAIS

Foram observados por mim como pesquisador três dias distintos com diferentes aulas de lutas. Todas as aulas possuíram o mesmo período de duração, com 60 minutos cada. Foram observados os seguintes treinamentos e suas respectivas datas: *Jiu Jitsu* (11/11 no turno da tarde), *Krav Maga* (16/11 no turno da manhã) e *Muay Thai* (20/11 no turno da manhã). A seguir relatarei resumidamente os principais pontos de cada uma dessas aulas a iniciar pelo *Muay Thai*.

5.1 OBSERVAÇÕES PRESENCIAIS MUAY THAI

Todos os participantes vestiam roupas leves e estavam com máscaras em seus rostos. A prática teve início a partir de uma sequência de exercícios funcionais, sendo estes: Polichinelos, *burpees*, agachamentos e abdominais. Estes quatro exercícios realizados concomitantemente pelas participantes em estações, as mesmas se revezavam a partir de um comando sonoro no celular do instrutor (a cada 1 minuto soava o som de uma sineta de ringue).

Após cerca de 10 minutos as participantes foram separadas em duplas, uma como *sparring*² e outra como atacante. O único homem presente na aula exceto o mentor (um jovem magro e alto de 18 anos) foi alocado para praticar os golpes com a mulher mais alta presente na ocasião. As *sparrings* vestiam uma espécie de colete protetor para a região do abdome e um escudo acolchoado em um dos braços, além de uma grande luva propícia para receber impactos. As atacantes estavam munidas apenas de luvas leves sem proteção nos dedos, semelhantes às convencionais de MMA vistas na TV.

Foram praticados golpes diversos em sequências variadas, como socos, chutes, cotoveladas, joelhadas, defesas de socos na cabeça; entre outros. As duplas de tempos em tempos se revezavam nas tarefas de recebedor e golpeador trocando inclusive de materiais. Não houve livre confronto entre as alunas, apenas este revezamento de tarefas conforme o comando de voz e bipe sonoro do professor. Hélio demonstrava os golpes a serem desferidos no equipamento vestido por parte das participantes e as corrigia quando julgava necessário.

No término da aula houve uma sequência de exercícios de alongamento inclusive valendo-se de bastões para mobilidade de ombros, costas e cintura.

5.2 ESTRUTURA DA AULA DE KRAV MAGA OBSERVADA

Dos 3 participantes mascarados da modalidade presentes naquela manhã, duas eram mulheres e um era homem. O instrutor Alex³, primeiramente conversou de joelhos com os alunos ali presentes formando um pequeno círculo no tatame da academia. Aparentemente ambas as mulheres estavam em sua primeira aula, enquanto que o homem já a praticava há algum tempo, pois, o mesmo vestia uma camiseta igual à do professor com o nome da modalidade estampada nas costas (*Krav Maga Concept*) e um pequeno escudo com as iniciais K M na parte esquerda do peito.

² **Sparring** é uma palavra derivada do verbo inglês "**to spar**" que significa "**praticar boxe**", "**disputar**" ou "**lutar a soco**". Este tipo de **sparring** é considerado como o método mais eficaz de aplicar as técnicas aprendidas anteriormente em teoria. O parceiro de treino é contratado durante o exercício, não como adversário para simular uma **luta**, mas como meio pelo qual a sua técnica será aperfeiçoada.

³ Seguindo a lógica de anonimato assumida nessa pesquisa, todos os nomes citados são fictícios.

Alex contextualizou as novas alunas sobre os preceitos da arte marcial israelense, sua origem, e exemplificou que os objetivos do *Krav Maga* como defesa pessoal tangem buscar os pontos vulneráveis do corpo humano (olhos, laringe, costelas e esterno). Indo além, comparou a prática da luta em questão com a violência urbana, sendo o *Krav Maga* excelente para responder a agressões e ações externas indesejáveis. Dessa forma o instrutor se refere à violência presente nos golpes ensinados como necessária para cumprir com este objetivo de defesa. Ainda sobre este assunto, o professor realizou uma analogia ao comparar que um bailarino clássico apesar de prezar a suavidade de movimentos durante a dança pode ser um pai violento, batendo em seus filhos em casa, enquanto a prática do *Krav Maga* isolada não seria suficiente em tornar um indivíduo mais agressivo. O fato de uma pessoa ser violenta depende de fatores externos diversos, muitas vezes alheios à prática de uma luta.

Após conversarem por cerca de 12 minutos, o instrutor iniciou um aquecimento que consistiu em uma corrida circular e alguns exercícios abdominais. Partindo para parte principal da aula, os 3 participantes se colocaram lado a lado em frente a um grande espelho para reproduzir uma sequência de golpes no ar ditadas pelo instrutor. Estes golpes possuíam movimentos semelhantes a marteladas feitas com as mãos de acordo com a contagem entoada. Logo depois a contramedida ao mesmo golpe fora ensinada e também feita de sem contato direto a partir da contagem. Por fim a sequência dos dois exercícios anteriormente descritos fora realizada concomitantemente entre duplas, trocando-se os papéis de agressor e defensor entre os alunos após determinado tempo.

Outro exercício proposto no mesmo treino remetia a formas de escapar durante uma postura vulnerável de solo com o oponente em vantagem, por cima. O agressor desferia uma sequência de golpes no estilo de marretadas no defensor deitado no chão, este último se protegia dos golpes de maneira segura através da utilização de um escudo acolchoado e ao mesmo tempo realizando movimentações corporais afim de desviar. Alex acompanhava de perto a execução da tarefa e após deixa-la fluir por aproximadamente um minuto cronometrado explicava o golpe final a ser desferido para quem estivera por baixo se defendendo. O ataque deve ser certo na garganta do oponente com

a região da base palmar, sendo reproduzido lentamente por segurança após o adversário que estava por cima se cansar.

Novamente em pé foram treinadas cotoveladas, estas desferidas em duplas com o auxílio de materiais acolchoados alternando entre as funções de ação e auxílio entre os participantes. Uma sequência de diferentes chutes também fora ensinada e reproduzida tanto contra o ar, como contra o escudo acolchoado portado pelo colega ao lado da perna. Utilizando *steps* (uma espécie de degrau portátil), os 3 participantes também praticaram uma espécie de golpe com as palmas das mãos alternadamente. Estes golpes foram desferidos contra o ar logo após os alunos darem um passo sobre o *step*. Após uma hora de aula um breve alongamento foi feito no tatame e logo após todos os participantes foram liberados.

5.3 ESTRUTURA DA AULA DE *JIU JITSU* OBSERVADA

A turma observada em questão consistia em apenas uma mulher de então 19 anos, Jéssica e outros 8 homens de idades distintas. Todos os presentes estavam vestindo os tradicionais quimonos e devido ao contexto social atual, também utilizavam máscaras de tecido para proteção pessoal.

A aula teve início com uma preparação física, partindo de uma corrida circular em torno do tatame com os praticantes se movendo em fila, variando de corrida batendo palmas acima da cabeça; corrida lateral; corrida tocando calcanhares (frente/atrás); corrida de costas. Após este intenso exercício aeróbico de aproximadamente 7 minutos, houve uma parada para hidratação seguida de abdominais cujo diferencial veio ao fato de todos os participantes terem de contar em vós alta até 10, sendo o último número entoado em coro correspondendo à soma total (Ex.: 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, TRINTA!). Este exercício abdominal isométrico ocorreu em duas voltas totalizando desta forma uma numeração de 180 repetições. Enquanto os exercícios abdominais ocorriam entre os 9 participantes, o instrutor Olavo realizava prancha abdominal ao centro do círculo de alunos.

Terminada esta etapa de aquecimento, o instrutor demonstrou a técnica de rolamento necessária para algumas situações de combate, os demais participantes seguiram a tarefa rolando sobre um dos braços de cada vez,

cruzando de uma extremidade a outra do tatame. Após duas voltas, Olavo demonstrou a técnica correta de queda a ser desempenhada durante uma projeção realizada pelo adversário, descrevendo toda a importância de uma queda correta. Um dos alunos, faixa marrom, projetou o instrutor a partir de suas costas puxando-o pela manga de seu quimono, o professor caiu para frente esticando uma de suas pernas, flexionando a outra e colocando uma das mãos próximo ao peito e a outra estendida lateralmente ao seu corpo. Feito isso, todos fizeram a mesma técnica de queda, porém sem a projeção, deitados no tatame. A cada número entoado pelo instrutor, os participantes deitados mudavam de posição rotacionando a partir do quadril, batendo tanto a sola do pé, como a palma da mão contrária no solo.

O estudo da técnica de combate de solo fora realizado com a ajuda de bonecos de pano (semelhantes a almofadas) vestidos com quimonos. Eram 3 bonecos para 9 pessoas, o que gerou um revezamento do material entre os presentes. O restante da aula perdurou na explicação e realização de diferentes técnicas de imobilização e torsões. Algumas vezes ocorriam o contato aluno/aluno, aluno/professor, dependendo da técnica proposta, pois os bonecos não possuíam boa referência ou mobilidade além da ausência de pernas.

A parte final da hora do *Jiu Jitsu* que acompanhei foi composta de exercícios de alongamento e saudação entre os colegas e o instrutor. Por curiosidade, um dos homens, estava de aniversário na data e todos seus colegas realizaram uma sabatina de “faixadas” em suas costas como comemoração. A prática conhecida em alguns lugares como “corredor polonês” aqui nesse contexto é conhecida como “mandar um salve”. Palmas finalizaram toda a integração.

Durante todo o andamento da aula não foram percebidas diferenças de tratamento em relação à Jéssica e os demais participantes homens. A lutadora faixa branca que pratica a modalidade a pelo menos dois anos com a mesma equipe realizou igualmente todas as tarefas propostas. Não houveram piadas nem comentários preconceituosos durante a aula, ao menos não percebi nenhuma atitude neste aspecto.

6 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Sobre a seleção da arte marcial das participantes, a mesma foi feita da seguinte forma por cada uma das mulheres durante a captação de informações para este estudo: Jéssica e Tamara *Jiu Jitsu*; Elizete, Carla, Jéssica e Maria *Muay Thai*. A única mulher a praticar mais de uma das artes marciais aqui descritas foi Jéssica que optou por permanecer na prática japonesa após 6 meses iniciais de *Muay Thai*. Apesar de ter praticado poucos meses de *Muay Thai* Jéssica comenta a importância do treinamento em ambas atividades:

E a luta em si ela dá muita... como eu posso te dizer... ela abre um norte assim, principalmente pra quem é mulher. Porque tu não tem medo de nada sabe? Tu não tem medo de andar na rua, de sair de noite, tu não tem medo. Tu acaba perdendo essa barreira, então te dá muita confiança, é uma baita defesa pessoal o *Jiu Jitsu* e o *Muay Thai*. Então pra mim ter essas duas bases é fundamental (Jéssica, entrevista realizada em 02/03/21).

Vemos aqui o potencial das lutas em promover a autoconfiança de Jéssica, ajudando-a nos deslocamentos diários. Não podemos generalizar este fato, porém é inegável o significado social que o treinamento marcial regular é capaz de promover e a citação anterior em certo ponto nos reforça esta afirmação. A mesma entrevistada complementa este estado de controle emocional ao descrever situações de violência e suas implicações:

(...) sempre sai bastante, sempre fui muito independente, mas eu sempre tive muito medo de andar assim de noite na rua, eu ia quando precisava e tinha aquele medo de ser assaltada sabe? De encontrar algum tarado alguma coisa assim que a gente não sabe né? Sair em Porto Alegre, ainda mais de noite é perigoso, então sempre tive bastante medo. E quando eu entrei, não vou nem te dizer no *Muay Thai*, mas principalmente no *Jiu*, quando eu entrei fui perdendo isso porque no *Jiu* tu vai se acostumando com o contato físico, tu acaba se acostumando. Por exemplo, se um assaltante, ou qualquer coisa assim do gênero encostar em mim eu não vou ter aquele pavor, eu sei o que eu posso fazer, eu sei como eu posso imobilizar a pessoa, sei como eu posso sair daquela situação, eu consigo manter a calma (Jéssica, entrevista realizada em 02/03/21).

Elizete comenta justamente o contrário de Jéssica, não se sentindo amplamente preparada para desafios onde tenha que colocar a prova as técnicas que aprendeu na luta.

O que ela (luta, *Muay Thai*) me ajudou muito e ela tá me ajudando muito, é nessa parte do estresse, ela entra nessa parte, na realidade não vejo assim como uma coisa de defesa, ir na rua e sair... não sei se eu conseguiria, se eu fosse abordada por um assalto, alguma coisa, não sei se eu conseguiria reagir, mas não é minha intenção. O que ela tem me ajudado muito, é nessa parte do estresse mesmo, ela faz com que o dia a dia da gente que é muito estressante... trabalha muito, e tu precisa de alguma coisa que te tire um pouco desse foco. E ela tem me ajudado nisso. Né? Pra eu não ser tão explosiva em casa, não ser tão explosiva no serviço, ter mais controle, ter mais paciência. Né? Mais ou menos assim tem me ajudado (Elizete, entrevista realizada em 13/02/21).

Novamente percebemos com o último diálogo o quanto as lutas podem influenciar na maneira que suas praticantes veem o mundo. Elizete pode não se sentir preparada para lutar em uma situação de violência real, na rua, mas diz ficar menos estressada ao terminar uma aula de *Muay Thai*. Esta sensação de alívio é considerada por ela extremamente benéfica. Este fato corrobora aos achados de Figuerôa *et al.* ao observarem um grupo de mulheres praticantes de Capoeira em estudo de 2014. Os relatos de prática de luta para desestressar foram comuns tanto no estudo supracitado como no presente, sendo relatado por mais duas mulheres:

O *Muay Thai* mexe muito com teu corpo, ele mexe muito com tua mente, tu trabalha muito com esse lado, ele bota alí no tatame, aquela explosão, aquela coisa que tu não pode botar no teu dia a dia. Pra mim ele é mais um momento de... desopilar. Momento de eu por pra fora toda aquela coisa do dia a dia, estresse do dia a dia. Então eu deixo tudo ali no tatame. É um esporte assim... Bah! Maravilhoso pra isso. Eu não busco pra luta, não é pra competir, mas sim pra competir comigo mesma, é bem isso. Pra mim ele tem feito essa função de alívio do estresse o *Muay Thai* (Maria, entrevista realizada em 14/02/21).

Pra mim é fundamental, eu amo. Como eu te disse, eu desconto tudo que eu consigo ali e eu consigo descarregar toda a minha força, como se eu chegasse e fizesse uma terapia realmente. Pra mim ela funciona assim: Se eu chego com algum problema, eu canalizo todos os problemas nos escudos e nas manoplas e eu descarrego ali. Eu saio de lá leve, como se realmente tivesse saído de uma terapia. É uma necessidade pra mim hoje (Elizete, entrevista realizada em 13/02/21).

Apesar de toda as mulheres aqui recorridas possuírem suas próprias motivações para a prática; desestressar, manutenção do peso corporal, condicionamento físico, entre outros; nenhuma das mulheres encara sua luta profissionalmente, como fonte de renda. Nesse aspecto Jéssica se destaca por

ser a única das entrevistadas a participar periodicamente de campeonatos amadores de *Jiu Jitsu*. Além disso, Jéssica possui uma rotina intensa de exercícios que incluem modalidades desportivas como: Natação, musculação, ciclismo, *Cross Fit*, entre outras. Ao ser questionada sobre a importância dos campeonatos que participa e seus possíveis ganhos, ela comenta:

(...) o *Jiu* foi o primeiro lugar que eu tive contato assim de pessoas olharem pra mim e falar: 'Bah! Tu tem potencial, tu pode ir longe, tu aprende rápido, tu pode ir pra competição e sair ganhando primeiro lugar fácil porque tu tem esse talento, tu tem dedicação, tu treina todo o dia, tu luta com homem, com mulher, tu tá bem preparada...' Então ter pessoas que acreditam em ti, ainda mais nas competições, com certeza mudou a minha vida. Essa foi a minha melhor escolha, quando eu falo assim que sou apaixonada, não é brincadeira. (...) Competir é o momento em que me desafio ao máximo, levo o nome do meu mestre pra outras escolas, pra mim essa é a verdadeira razão. Ganhar conhecimento e experiência, porque dinheiro eu sei que não vem e nem é esse o meu objetivo (Jéssica, entrevista realizada em 02/03/21).

Perceba aqui o sentido que a luta tem para ela, o quanto de importância Jéssica é capaz de extrair com o fato de competir *Jiu Jitsu*. Mesmo se tratando de circuitos amadores e pequenos, o reconhecimento perante outros atletas e colegas torna-se preponderante em detrimento a ganhos financeiros. Esta percepção de lutar por algo maior, imaterial, também é percebida por Tamara que descreve sua admiração ao professor por este lidar com estas mesmas dificuldades financeiras:

Quem me inspirou bastante a lutar foi o meu padrasto e depois ali que eu conheci o pessoal, o Olavo [mestre de *Jiu Jitsu*] também né? Pela história de vida... ele realmente faz por amor, isso eu acho muito bacana. Ele não tá ali pelo dinheiro, ele tá ali porque realmente ama fazer aquilo (Tamara, entrevista realizada em 28/02/21).

Não posso deixar de perceber no comentário reproduzido acima uma certa "romantização" do fato de Tamara perceber que mestre Olavo trabalha por amor. Este fato é louvável, porém na academia citada não existe voluntariado. Sabe-se que todo profissional que investe anos de sua vida se aperfeiçoando em determinada tarefa pode e deve exigir valores ao oferecer seu conhecimento e/ou força perante o mercado de trabalho.

Os recursos financeiros são fundamentais e fazem parte da vida de qualquer pessoa, nesse caso o comentário de Tamara talvez indique o quanto

os profissionais das lutas tendem a não serem bem remunerados. No ponto de vista mais comum, excluindo atletas de ponta esta discrepância é ainda maior. Mulheres tendem a receber salários muito menores que homens e o universo das lutas não é exceção. Não me atentarei em demasia nesta questão, porém julgo válido ressaltar este aspecto. No trecho a seguir, retirado do estudo aprofundado de Silvana Goellner, podemos perceber outras barreiras e desigualdades encontradas por mulheres no universo esportivo, as quais são próximas das mulheres no universo das lutas:

[...] são bem menores os recursos destinados para patrocínios, incentivos, premiações e salários; em algumas modalidades, a realização de campeonatos é bastante restrita e, por vezes, inexistente; há pouca visibilidade nos diferentes meios midiáticos; a participação de mulheres em órgãos dirigentes e de gestão do esporte é ínfima; a inserção em funções técnicas, como treinadoras e árbitras, ainda é diminuta; federações, confederações, clubes e associações esportivas mantêm registros precários sobre a participação das mulheres em seus dados oficiais, especialmente no que se refere a aspectos históricos (GOELLNER, 2012, p. 73-74).

Como sociedade temos promovido lentas mudanças no *status quo* das lutas como algo apenas dos homens para algo igualmente das mulheres. Encontrar mulheres como as que aqui participaram do meu estudo demonstram esta tônica e uma renovação das lutas como um todo. A partir de novas maneiras de se perceberem como mulheres em um mundo majoritariamente machista, percebo uma quebra do sistema vigente por todas capazes de enfrenta-lo, sendo estas mulheres cada vez mais protagonistas de suas vidas, o que é socialmente positivo.

Trarei a partir de agora mais relatos das entrevistadas ilustrando suas vivencias nas práticas de combate. Seus anseios e colocações sobre o tema. Ao serem questionadas sobre o porquê de terem escolhido a prática de uma arte marcial as respostas foram diversas. Variando desde lazer, exercício físico, saúde, entre outros, Carla por exemplo relatou:

Eu queria emagrecer, tava me achando assim muito gorda. Tava muito parada, muito sedentária e aí quando eu fui pra academia... o meu objetivo não era fazer musculação, eu não queria ficar forte ou algo do tipo. Eu queria mesmo era emagrecer. Aí todo mundo começou a me dizer: 'Bah! O Muay Thai é bom, ajuda bastante, emagrece e tal. E foi aí que eu comecei a praticar (Carla, entrevista realizada em 21/02/21).

O primeiro contato vivenciado por Carla aqui transcrito demarca um viés bastante comum às academias brasileiras, a escolha de uma luta para fins estéticos, sendo a perda de peso o principal objetivo buscado por parte dessa população. Dessa forma o corpo magro visto em revistas, novelas ou quaisquer outras mídias é normativo por cultura. Elizete corrobora com esta afirmativa, possuindo opinião semelhante à de Carla veja:

Então eu comecei assim porque precisava perder peso. Ahmm, eu perdi 19 Kg né? Eu comecei com *jump* e musculação e a professora do *jump* fazia *Muay Thai* e me incentivou bastante a começar e... aí eu comecei a fazer e comecei a gostar. Comecei a perder peso, mais peso ainda, aí comecei a gostar cada vez mais e... eu sou uma pessoa muito hiperativa, então eu preciso estar me movimentando, eu não consigo ficar quieta, e sou muito nervosa também. O *Muay Thai* começou a me ajudar... (Elizete, entrevista realizada em 13/02/21).

Para além das questões estéticas voltadas para a queima de calorias e conseguinte perda de medidas, Elizete nos traz a importância que o *Muay Thai* possui em sua vida na medida que este a tranquiliza e a ajuda no combate da hiperatividade. As lutas para as mulheres entrevistadas parecem contribuir para uma desopilação, uma forma de escapar das obrigações diárias por ao menos uma hora de treinamento. Outra entrevistada, Tamara, percebe sua prática do *Jiu Jitsu* como alternativa para manutenção de sua saúde e autoconhecimento.

Comecei a me interessar pela luta depois que eu comecei a perceber o fato de ser quase uma defesa pessoal também. E... na verdade assim a minha intenção era fazer algo que eu pudesse melhorar a saúde né? Tipo, tonificar os músculos e tal... e que eu pudesse aprender alguma coisa. Tipo assim, um vôlei, tá tudo bem, a gente fica mais ágil acho eu, mas acho que na luta tu tem muito mais pra aprender ali, tu aprende muito mais sobre si mesmo (Tamara, entrevista realizada em 28/02/21).

A prática regular do *Jiu Jitsu* e o aprendizado da luta segundo Tamara a ajudariam a otimizar seu controle corporal, deixando-a mais coordenada por assim dizer. Sendo capaz de deixá-la mais forte e com a saúde estabilizada. Além disso a defesa pessoal é um fator preponderante para muitas mulheres que buscam o aprendizado marcial. Defesa esta contra as mais inúmeras formas de violência e assédio que uma mulher pode ser vítima, mesmo que a entrevistada ainda não veja o *Jiu Jitsu* completamente como tal.

Como já vimos em depoimentos anteriores, para Jéssica, saber como lidar com as inseguranças a deixa mais segura de enfrentar os problemas cotidianos. Corroborando com os últimos comentários Jéssica relata através do seguinte trecho sua experiência com a violência:

(...) é meio difícil a pessoa se envolver em briga, eu nunca me envolvi em briga, nem em festa ou em qualquer lugar que eu fui. Ahmm... inclusive também já quase sofri um assalto e assim, não é aquela coisa: Nossa! Vou reagir, eu vou brigar; mas te dá uma certa confiança, tipo assim, não andar com medo. Tu sabe que consegue se proteger, na medida do possível tu consegue se cuidar. (Jéssica, entrevista realizada em 02/03/21)

Outras mulheres como Maria percebem a ação de lutar através de outros panoramas. A mesma iniciou sua prática no *Muay Thai* como conteúdo agregador ao seu treino de musculação. Dessa forma a luta permeia sua rotina de treinamento aeróbicos enquanto que a musculação fornece as vantagens anaeróbicas esperadas.

(...) a musculação é uma coisa que eu sempre fui apaixonada, que eu sempre gostei então eu fiz na época que não era nem por saúde, não era por ser gorda, nunca fui gorda, então eu fiz mesmo porque eu gostava e fazendo a musculação foi onde eu conheci o *Muay Thai*, que aí foi onde eu me apaixonei mesmo, por que eu gosto muito de esportes, de coisas que me deem mais adrenalina, não gosto de nada muito parado. As vezes ficar só puxando ferro era muito monótono e o *Muay Thai* entrou complementando perfeitamente meu treino (Maria, entrevista realizada em 14/02/21).

Este modelo de treinamento concorrente⁴ (treinamento de força aliado a exercícios aeróbicos) se tornou algo positivo na rotina de Maria na medida que ela começava a perder o interesse na musculação por julgá-la tarefa entediante. A prática de sessões de musculação intercaladas com lutas poderia dessa forma ser uma ótima alternativa motivacional para mulheres que procuram otimizar sua queima de calorias, deixando o processo mais atrativo.

Sinceramente, treinar só musculação todo santo dia pra mim é um saco! Eu sou muito hiperativa e preciso ter alguma outra coisa pra fazer a tensão baixar um pouco. Isso eu não consigo na musculação, ela pra mim é um mal necessário, por que ficar

⁴ Denomina-se **treinamento concorrente** os programas de treinamento que combinam força e resistência aeróbica na mesma sessão de treino. Treinamento de força e resistência podem ser realizados concorrentemente para melhorar a performance desportiva, assim como para reabilitação de lesões e doenças cardiovasculares (MACHADO FILHO, CARDOSO, GONÇALVES, 2011).

parada repetindo o mesmo movimento é uma chatice só (Elizete, entrevista realizada em 13/02/21).

Como transparece na fala de Elizete, manter uma rotina de exercícios físicos não é tarefa fácil, principalmente para pessoas que julgam “chato” o treinamento de força convencional. Ter opções de exercícios mais ativos, que usem todos os seguimentos corporais durante a execução de seus movimentos pode ser uma alternativa a esta parcela de público. Cabe ressaltar que na academia onde as observações ocorreram as lutas têm ganhado cada vez mais espaço, sendo sua oferta ampliada de uma (apenas *Jiu Jitsu*) para hoje três modalidades distintas (*Jiu Jitsu*, *Muay Thai* e *Krav Maga*). Dentro do universo fitness observado na academia onde trabalho, o mercado para mulheres vem ganhando cada vez mais adeptas, constituindo mais da metade dos alunos ali matriculados. Este fato tem refletido em algumas das atividades ofertadas, principalmente o *Muay Thai*.

Um fenômeno que pude observar na aula de *Muay Thai* da academia onde estou inserido trata-se da grande quantidade de mulheres o praticando. Por exemplo, em uma das ocasiões onde observei uma aula matutina (09:00 – 10:00 AM) com 10 praticantes, havia um número expressivo de 9 mulheres ativamente envolvidas para apenas 1 aluno homem. Obviamente, não estou contabilizando o instrutor Hélio nessa soma o que me chamou bastante atenção. Este fato pode talvez ser explicado através da fala de Maria:

(...) Nós temos bastante mulheres praticando *Muay Thai*, hoje em dia tem bastante mulheres no tatame em todos os horários que eu já vim. E o que é mais legal de ver é que não são guriazinhas, são mulheres mais maduras que estão ali praticando e a gente pratica de igual pra igual. A gente tem uma coisa nossa entende? A gente pratica com homens também, ele é misto, mas uns 80% é mulher e desses 80 uns 40% é mulher madura (Maria, entrevista realizada em 14/02/21).

Este fato aqui relatado por Maria me intrigou logo durante os primeiros minutos de observação da aula. Como homem e consciente do processo machista pelo qual fui condicionado eu possuía uma imagem pré-construída de que aulas de artes marciais são pouco frequentadas por mulheres. Ora, durante os quase dez anos que pratiquei diferentes lutas como, *Hapkido*, *Kung Fu* e *Karatê* eu estava acostumado a compartilhar o local de treino com apenas uma garota ou na melhor das hipóteses duas. Este fato me contribuiu com a ideia

errônea de que “mulheres não se engajam em lutas”. Este pensamento foi felizmente quebrado ao perceber a grande busca e participação de meninas durante os treinamentos por mim analisados. Esta constatação me estimulou a levantar outras pertinentes questões. Como: O que tornaria o *Muay Thai* tão atrativo para elas? Uma das possíveis respostas pode estar contida no seguinte argumento:

Nunca treinei em outro lugar. Eu comecei ali, minha primeira experiência com *Muay Thai* foi ali. Quando eu parei por um tempo de fazer, eu andei procurando outras academias que fizessem só lutas, mas não vi o que eu vejo ali entende? Que ali é bem coisa de família mesmo. Nos lugares onde é só luta eles fazem é mais pra competição, que não é o meu objetivo. O trabalho técnico ali é o mesmo, mas ele não exige que tu faça pra competir. Esse é o diferencial (Carla, entrevista realizada em 21/02/21).

O contexto que Carla descreve quiçá tenha relação com a postura adotada pelo instrutor Hélio que busca estimular suas turmas não competitivamente. Mesmo nas aulas por mim observadas o contato físico entre os participantes era extremamente controlado e acompanhado de perto pelo professor, o mesmo valendo-se do uso de manoplas, luvas, cinturões e escudos.

Figura 6: Materiais utilizados nas aulas de *Muay Thai*



Fonte: Acervo do autor, 2021.

O professor Hélio escolhe em suas aulas uma metodologia pautada na ausência de combate mais intenso, ou seja, sem as imprevisibilidades que um oponente fornece. Fato é que suas aulas são normalmente cheias, com muitas

mulheres, salvo às questões epidemiológicas que temos enfrentado nos últimos meses.

Tamara, que durante um período de aproximadamente um ano praticou *Jiu Jitsu* ao lado de Jéssica na mesma turma revelou ter participado de um dos campeonatos amadores onde sua equipe competiu em conjunto com outra de mestre também filiado às mesmas ordens marciais. Na ocasião Tamara acabou sendo derrotada por sua colega Jéssica, porém este fato não serviu para fomentar rivalidade ou desrespeito entre elas, repare:

(...) e a colega Jéssica também, eu admiro ela pela força de vontade. De tá sempre fazendo esporte, sempre fazendo alguma coisa e por ser uma mulher também. Por último só treinava eu e ela, depois eu acabei parando de fazer. Hoje eu sinto saudade, quero ver se eu consigo voltar (Tamara, entrevista realizada em 28/02/21).

Este respeito mútuo e admiração comprovam que a Luta em questão promove muitas relações que podemos considerar positivas entre as envolvidas, fugindo do estereótipo popular de violência gratuita que as lutas tenderiam a provocar. A competição dessa forma surgiria para ambas as entrevistadas como mais uma forma de treinamento e oportunidade de confraternização entre diferentes pessoas e equipes.

Quando questionadas sobre a importância de haver cada vez mais mulheres lutadoras as respostas foram em grade maioria positivas, Maria por exemplo é enfática na sua opinião:

Mas claro! Eu incentivo, tem que ter! Eu acho muito legal também as mulheres que lutam e vão pro ringue. Eu ainda não trabalhei isso na minha cabeça, não é o que eu quero hoje. A gente é muito de mudar de opiniões, mas eu acho muito lindo mulher que compete mesmo. Eu apoio! (Maria, entrevista realizada em 14/02/21).

Carla assim como Maria também parece favorável quanto a presença de mulheres nos ambientes de treinamento em combate: “Eu acho que sim. Pelo fato de... eu acho que a mulher tem que saber se defender” (Carla, entrevista realizada em 21/02/21). Ilustro a partir de ambas as citações a opinião de quatro das cinco participantes do presente estudo configurando a virtual maioria, porém uma resposta chamou minha atenção por fugir dos padrões esperados. Vejamos a opinião de Elizete sobre o assunto:

... (Hesitante) Olha, taí uma pergunta que eu nunca parei pra pensar, mas não, eu não acho importante. Eu acho importante que cada um faça o que se sente bem, mas não acho importante que seja mais mulheres lutando, ou mais homens... não tem importância pra mim isso (Elizete, entrevista realizada em 13/02/21).

Não considero certas ou erradas as diferentes visões que aqui trago, longe disso! Apenas quero compartilhar as diferentes opiniões que surgiram a partir do mesmo tema e ilustrar quão ricas foram as entrevistas e quão complexo é o tema. Uma discordância de ideias não era esperada por mim em um primeiro momento, é verdade, mas sobre a resposta de Elizete quero tentar traçar uma possível elucidação. Elizete em sua fala acima parece construir sua linha de raciocínio a partir da liberdade que cada sujeito possui ao escolher quais atividades o melhor apetece. Assim não existiria uma regra, cada pessoa possui autonomia de escolher ser fisicamente ativa no que julgar melhor, independentemente de seu sexo ou gênero que se identifica.

Sabemos que a questão é ainda mais complexa e existem empecilhos para muitas pessoas praticarem atividade física, sejam financeiros, sociais, dentre outros. Mesmo assim, no contexto vivido por Elizete ela escolheu para si o *Muay Thai*, mas não o julga obrigatório a outras mulheres, pois cada uma tem liberdade de se interessar por essa ou outras lutas.

Ampliando a compreensão da questão que eu trouxe para outros níveis de entendimento, ter mais mulheres lutadoras não faria diferença perante a sociedade machista e violenta que vivemos (Brasil). Nos atentando a realidade dos fatos, seria praticamente impossível sobreviver a todas as violências cotidianas apenas com o conhecimento marcial. Ou seja, as noções de segurança pessoal são muito mais complexas do que imaginamos.

A temática do preconceito é capaz de provocar constrangimentos em algumas pessoas, porém não devemos negar sua existência. O preconceito é real e assume diversas formas, sejam elas verbais ou até mesmo através de sutis gestos corporais. O universo das lutas possui uma conjuntura historicamente construída a partir de uma generificação em que se coloca em evidência uma determinada masculinidade. Com isso o acesso dessas práticas por mulheres, ou até mesmo por homens que constituem suas masculinidades de maneiras distintas, carregam toda uma carga de preconceitos que tende a ser

perpetuada. Novas perspectivas que envolvem a prática de uma arte marcial, que geralmente possui tradição e regras definidas tendem a provocar desconforto nos indivíduos mais conservadores do meio.

Os pontos de vista se diferem quando questionamos pessoas de dentro e pessoas de fora do ambiente das lutas. Nesse sentido, importante ressaltar que este trabalho está pautado nos comentários das colaboradoras deste estudo, ou seja, são relatos de mulheres que vivenciam as lutas e preconceitos de um sistema machista. O preconceito é comum entre os indivíduos que não habitam os tatames, ringues, octógonos, ou quaisquer outros ambientes. Esta hipótese se torna válida ao observarmos depoimentos como o de Tamara. Quando questionada sobre o assunto, a entrevistada se incluiu no grupo preconceituoso, ao menos inicialmente.

E eu vejo que tem muito preconceito com a mulher por causa que... tipo assim, em si no *Jiu Jitsu* o que eu escuto muito é: 'Ah esses homens se esfregando! Que não sei o que... mulher não tem que tá se esfregando...' É mais ou menos isso entendeu? Eu nunca passei por isso, mas eu sei que isso existe e é muito mais por causa do machismo, por falta de conhecimento, quem não conhece o esporte tem essa visão. Eu na verdade tinha essa mesma visão antes de conhecer. Depois que eu conheci, que eu realmente vi como é bom... aí comecei a praticar pra valer! (Tamara, entrevista realizada em 28/02/21).

Esta opinião é igualmente compartilhada por Carla que mesmo sendo praticante de outra luta, no caso o *Muay Thai*, argumenta: “No começo eu tinha um pouco de preconceito né? Todo mundo tem quando não conhece alguma coisa. Aí quando eu dei o primeiro passo vi que as coisas eram mais voltadas ao limite de cada um. Fui entrando nesse meio à minha maneira” (Carla, entrevista realizada em 21/02/21). Jéssica ao ser perguntada sobre ter sido vítima de preconceito e comentários machistas por lutar com homens relata:

Com família e amigos é muito difícil. Assim o pessoal geralmente, os comentários que recebo partem muito do contrário, sem desrespeito, mas de fora já escutei coisa do tipo: 'Ah! Tu tá fazendo esporte de homem, vai ficar muito forte, olha os teus braços...' São comentários desnecessários que infelizmente sempre tem sabe? Nada muito direto pra mim, mas o que o pessoal fala atualmente é aquela coisa de: 'Oh! Ela luta, vamos respeitar'. Antes tinha mais comentários em relação ao meu corpo do que necessariamente ao esporte (Jéssica, entrevista realizada em 02/03/21).

O relato de Jéssica demonstra que há comentários, de fora do meio das lutas que tendem a generalizar sua prática, sendo que mesmo quando a elogiam parecem de certa forma não compactuarem com a escolha. Este processo é pessoal e Jéssica possui fortes opiniões sobre o tema. Para ela sua aderência no *Jiu Jitsu* não se deve às demais opiniões alheias.

As questões relacionadas as formas corporais que uma mulher pode desenvolver ao praticar lutas, trazidas por Jéssica como por exemplo a fala “Olha os teus braços!”, segundo Butler (2003) rompem com a linearidade da matriz heterossexual que designa a expectativa social de que os sujeitos terão uma coerência linear entre sexo designado ao nascer, gênero, desejo e práticas sexuais. Segundo a mesma autora, os corpos fortes, hipertrofiados e muitas vezes cobertos por tatuagens apresentados por algumas praticantes de lutas também acabam por contribuir na construção de um estereótipo masculino as mesmas. Nesse sentido, o corpo muito malhado, tatuado, ou ambos como é o caso de Jéssica, fugiria dos padrões de beleza pré-concebidos em nossa sociedade para as mulheres e por essa razão lutar contribuiria como um meio a chegar a esta figura, ou seja, não seria uma atividade socialmente aceita.

Ainda sobre o mesmo comentário trazido por Jéssica, não é difícil perceber certos preconceitos velados em comentários desnecessários. Como a própria elucidou, uma lutadora por saber se defender ganha o direito de ser respeitada perante os homens, enquanto uma que não luta permanece vítima de violências físicas e psicológicas.

Um fato infelizmente corriqueiro que é percebido no ambiente das lutas possui relação com a sexualidade das mulheres que se dispõe a treinar. As entrevistadas em sua totalidade dizem não terem sofrido comentários preconceituosos diretamente, porém não negam sua existência. Veja:

No *Jiu* todo mundo é bem-vindo, mas muitas vezes tem pessoas que não querem saber. Isso foi um grande desafio pra mim. Onde eu treino assim são uma família, tem um humor gigante, por isso que eu nunca saí dali, mas teve assim, não posso te dizer que não um pouco de machismo, uma coisa que “não, é pra mulher” sabe? Então tipo assim, eu enxergo que tem respeito, tem muito respeito pra ensinar, respeito assim pra não me machucar, mas em determinadas situações eu vi bastante a diferenciação por eu ser mulher. Em algumas situações tipo assim: ‘Bah! Tu não pode ir em tal coisa, tal grupo, por ser mulher entendeu?’ Então infelizmente tem disso no meio do esporte ainda mais por ter só uma mulher treinando. Ahmm... no caso

hoje não chega a ser propriamente o caso, mas eu já tive essas situações (Jéssica, entrevista realizada em 02/03/21).

Jéssica reconhece os preconceitos que uma mulher é capaz de passar ao praticar uma arte marcial entre homens. Durante certo tempo existiam outras mulheres que praticavam o *Jiu Jitsu* na academia em questão, mas por diversos fatores apenas ela permaneceu (Tamara está à alguns meses afastada devido suas demandas de trabalho). O fato de ser a única mulher em uma turma com homens faz com que pessoas alheias ao meio do treino a vejam com certo preconceito. O comentário a seguir explicita ainda mais esta afirmativa:

É... 'Homenzinho', já ouvi muito. Sendo bem sincera contigo, dentro do esporte é aquilo que a gente fala, o certo seria não ter diferenciação nenhuma e graças a Deus eu nunca fui impedida de fazer o que queria. Ali no *Jiu* também tem um rapaz que treinava bastante assim com a gente e era homossexual. Assim, na aula não tinha diferença nenhuma, eu não ouvia piadas idiotas e desnecessárias, era tratado como igual como tem que ser. Não deve haver hostilização, nem diferenciação em tu ser homem, ser mulher, ser gay, ser lésbica, é todo mundo igual dentro do tatame sabe? Não tem diferença (Jéssica, entrevista realizada em 02/03/21).

A sexualidade levantada por Jéssica revela que os preconceitos não permeiam apenas o que diz respeito as mulheres lutadoras, um homem homossexual também precisa romper diversas barreiras sociais para conseguir ser aceito em um ambiente machista. Segundo ela um de seus colegas é abertamente gay e felizmente conseguiu se integrar com os outros alunos sem ser discriminado.

O fato de haver um homem gay em meio a outros heterossexuais me passou despercebido durante a observação que realizei da aula de *Jiu Jitsu*. Esta não observância de certa forma demonstra o grau de integração na turma. Se pararmos pra pensar, o fato de homens interagirem como iguais mesmo quando um destes é gay configura-se como algo incomum. Sabemos o quanto a sociedade patriarcal brasileira tende a hostilizar as minorias, sendo elas quais forem. Trata-se de uma heteronormatividade compulsória.

Analisando este cenário, um homem homossexual possui inúmeras dificuldades para se estabelecer em uma luta, o que não é muito diferente de mulheres homossexuais, as quais também possuem barreiras para transpor e

conseguir se manterem como lutadora. Louro em entrevista realizada em 2008⁵ nos ajuda a refletir sobre o tema ao apresentar que não há apenas uma ‘feminilidade’. O feminino, o ser mulher, como se houvesse alguma essência singular são tidos como ingenuidade segundo a mesma autora.

Goellner (2010) também ajuda na reflexão ao descrever que as múltiplas experiências e influências étnicas, religiosas, de classe, de gênero e outras constroem uma diversidade de possibilidades, cujo enfrentamento ou os modos de subordinação a essas circunstâncias também são múltiplos. Assim, ser mulher é algo que transpõe as convenções.

Como sujeitos pertencentes às convenções civis, todos somos sujeitos livres de escolhas e estas não deveriam ter relação com as orientações sexuais. O contrário também é válido, praticar determinada atividade não faz de seus praticantes necessariamente homossexuais. Sustento esta afirmação a partir de Da Rosa *et al.* (2019, p. 72) que descreve: “A sexualidade, o esporte, a educação e a família, por exemplo, atuam em nossa sexualidade, mas não determinam”.

Carla que também colabora no meu estudo comenta em uma de suas falas a respeito de um ícone das artes marciais mistas que é abertamente homossexual:

No MMA a Amanda Nunes é uma baita lutadora e é corajosa pra caramba por não esconder sua vida pessoal. Eu admiro muito isso (Carla, entrevista realizada em 21/02/21).

No âmbito da luta pelos direitos civis atuais a brasileira Amanda Nunes tem se destacado internacionalmente como uma das principais militantes. Como reconhecimento, Amanda recebeu o importante prêmio *Equality California Awards* (2016) com o troféu de Visibilidade pela Igualdade. A então campeã dos galos do UFC em seu discurso de premiação reproduzido pelo jornal Correio 24 horas comentou: “Meu sonho se tornou realidade, e quero compartilhar isso com todos, e ajudar muitas pessoas a serem elas mesmas. Vou fazer tudo o que puder para tornar o mundo um lugar melhor” (Amanda Nunes, discurso realizado em cerimônia de 17/09/2016).

⁵ Disponível em <<http://vimeo.com/28127159>>

Figura 7: Amanda Nunes, ao lado da companheira Nina, com o prêmio de Visibilidade da Igualdade



Fonte: Google. <https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/amanda-nunes-recebe-premio-por-contribuicao-aos-direitos-dos-lgbts/> (acesso em 15/04/2021).

A “Leoa” como é conhecida hoje é detentora de dois cinturões no UFC, campeã do Peso-Galo desde julho de 2016 e do Peso-Pena desde dezembro de 2018. Amanda Nunes é a principal expoente brasileira no MMA e ao lado de sua esposa a também lutadora Nina têm aumentado não somente a visibilidade à causa LGBT, mas também das mulheres como um todo nas lutas. Orgulhosa e bem-sucedida, a lutadora baiana hoje é mãe e possui uma carreira fundamentada em discursos ativos à comunidade LGBT e sua família.

A família é alicerce fundamental no processo de permanência de uma mulher lutadora, na medida que o seu aprendizado permeia as inter-relações pessoais. Ser desestimulada pelos próprios familiares não é algo tão incomum como podemos imaginar. Ao ser questionada sobre possíveis constrangimentos entre a prática do *Muay Thai* e sua família Tamara relata: “Sim, mas olha... ninguém nunca me falou nada desrespeitoso. Minha família não dá bola pra essas coisas, até acha legal. Acho que sou privilegiada” (Tamara, entrevista realizada em 28/02/21). A mesma resposta positiva também pôde ser encontrada no relato de Carla:

Todo mundo admira, fazem comentários legais, sempre perguntam, querem fazer parte também, inclusive eu tenho várias pessoas que se empolgaram vendo o que eu faço e começaram a fazer também. Digamos que eu fui tipo uma *influencer* de alguns que também começaram a praticar. Graças a Deus eu não cheguei a ser discriminada. (...) Quando eu

comecei a lutar com esse meu amigo, ele não dava aula pra outras pessoas, era habilitado, mas nunca havia exercido. Aí quando começou a dar pra mim eu botava o telefone pra gravar e postava nos *stories* do Instagram, daí muitas pessoas começaram a me procurar por causa disso pra perguntar, querer fazer, tavam achando interessante. E agora o meu amigo dá aula pra um monte de gente, tanto pra homens quanto pra mulher. (Carla, entrevista realizada em 21/02/21).

Carla costuma treinar com o instrutor de *Muay Thai* Hélio duas vezes por semana na academia, porém esporadicamente ela também treina com seu amigo também instrutor em uma praça próxima a sua casa. Em sua fala ela demonstrar ser uma boa “vitrine” para outras pessoas começarem a fazer luta e estas mesmas pessoas respeitam e admiram sua prática. Nas palavras de Carla algumas mulheres começaram a buscar as aulas de seu amigo a partir de sua visibilidade na internet. Percebo então que as imagens de Carla treinando e disponibilizadas em sua rede social contribuem numa espécie de propaganda. Inspirando outras mulheres e fomentando uma procura a partir de seu exemplo nas aulas de *Muay Thai*.

Mesmo que o *Muay Thai* na academia estudada possua muito mais mulheres treinando que homens, esta e as outras duas modalidades de lutas disponibilizadas para treinamento são constituídas por aulas mistas. Quando questionadas sobre o fato de terem de lutar com um colega homem ou uma colega mulher as respostas divergiram em alguns casos.

Sim, eu prefiro um homem, por que normalmente o homem ele consegue... ele tem mais coordenação que as mulheres e ele tem mais força, então se eu vou bater ele tem mais força pra segurar o meu golpe. Mulheres são normalmente mais fracas então por isso que eu prefiro um homem (Elizete, entrevista realizada em 13/02/21).

Preferência não. Eu acho que enriquece tanto treinar com homem, quanto com mulher. O que acaba que tu tem que usar mais força quando tu está lutando com homem, mas é bom porque se tu chegar em momento de fadiga, fica muito cansado, entende que não é força, é técnica. É muito bom por isso, então quando eu acabo lutando com mulheres eu vejo que eu to muito na frente em questão de força, rapidez eu consigo desenvolver um jogo muito melhor. E a técnica ahmm... ai eu consigo desenvolver um pouco mais de força e noção assim de tudo com homens e com mulher eu consigo desenvolver só técnica. Porque se eu usar a mesma força que uso em homem eu finalizo muito fácil entendeu? Então acabo desenvolvendo muito mais a técnica, mas acho que os dois tipos de “rola”, mulher e homem

acrescentam bastante (Jéssica, entrevista realizada em 02/03/21).

Ambas as falas possuem diferentes pontos de vista em relação às aulas mistas. Elizete prefere lutar contra homens pois julga ser mais proveitoso seu treinamento dessa forma, Jéssica por sua vez não possui preferências pois consegue extrair o melhor de ambas as situações. Aparentemente ambas as mulheres aqui descritas possuem grande força de combate e estariam acima da média em relação a suas colegas. Quando Elizete relata que 'homens possuem mais coordenação motora que as mulheres' devemos refletir quais são os caminhos que perpetuam este modo de pensar.

Como tenho levantado em parágrafos anteriores, somos formados e constituídos por uma sociedade sexista. É um fato que os homens tendem a receber maiores oportunidades de práticas diversas, principalmente no mundo das lutas. Sobre este fato Olinto (2011, p. 69) discorre:

Por meio da segregação horizontal as mulheres são levadas a fazer escolhas e seguir caminhos marcadamente diferentes daqueles escolhidos ou seguidos pelos homens. Sobretudo pela atuação da família e da escola, as meninas tendem a se avaliar como mais aptas para o exercício de determinadas atividades e a estabelecer para si mesmas estratégias de vida mais compatíveis com o que consideram ou são levados a considerar como mais adequados para elas. (OLINTO, 2011, p.69).

As mulheres entrevistadas neste trabalho fogem de certa forma às convenções sociais a elas impostas. Vimos que Elizete é contundente no que tange sua escolha de colega e o relato a seguir reforça esta perspectiva:

Quando a gente treina a gente treina misto. Claro que se tiver que lutar contra um homem vai ter, ele vai ser colocado, eles procuram colocar homem com homem e mulher com mulher, mas quando não tem eles botam pra lutar mulher com homem. Eu vou te ser bem sincera, dependendo da mulher eu prefiro lutar com homem, porque daí eu posso botar mais força, posso botar mais pra fora entende? E tem mulheres que não tem tanta força pra bater, eu já tenho mais força bater. Então prefiro se for pra lutar contra uma mulher que não tenha a mesma força que eu tenho, prefiro lutar com homem (Elizete, entrevista realizada em 13/02/21).

Jéssica comenta que os homens tendem a lutar mais moderadamente quando colocados com ela e isto a deixa frustrada.

Eu gosto principalmente quando assim, se for homem... por exemplo, eu nunca quis, nunca gostei que pegassem leve comigo. Não é porque eu sou mulher que precisa deixar o jogo

fácil, então se eu vejo que está muito fácil, eu fico brava, converso e peço pra intensificar. Então uma coisa que eu não gosto é quando alguém que não me conhece e começa a rolar comigo, homem, já vem com aquela coisa assim: 'Não, é mulher né? Não vou pegar pesado, não vou machucar, que não sei o que, não vou botar força...' daí se surpreende, porque eu tenho muita força. Principalmente por causa do *Cross*. Então quando é um "rola" assim pesado eu gosto (Jéssica, entrevista realizada em 02/03/21).

Maria corrobora com Jéssica sobre o fato de treinar de igual pra igual com seus colegas homens.

Independente de qual for a luta, independente de qual for o treino, eu não gosto de sair da aula sem ter dado o melhor de mim. Eu gosto de treinar sabendo que dei o meu melhor, então quando tem luta nessa linha é gratificante. Tu sai demolida, mas feliz da vida sabe? É muito bom. (Maria, entrevista realizada em 14/02/21).

Em um mundo ideal, mais mulheres treinando lutas não apenas aumentariam os números absolutos de praticantes, mas também contribuiria para uma maior variedade de estilos de lutas, categorias, entre outros. Ter cada vez mais lutadoras fomentariam inclusive os circuitos de campeonatos amadores como afirma Jéssica.

Com certeza, mas infelizmente não tem tantas. Inclusive na minha faixa é mais tranquilo pra fazer uma luta ir num campeonato, mas tem muito caso de mulheres assim máster que é uma classificação ali de peso que ao chegarem em um campeonato na hora nem pode lutar porque não tem ninguém na tua categoria que pode lutar, então tipo assim é complicado. Seria muito melhor se tivesse mais mulheres no esporte, principalmente no *Jiu Jitsu* que está crescendo bastante, mas se tu for olhar em qualquer academia que tu for eu acho que pelo menos 80 % é de homem (Jéssica, entrevista realizada em 02/03/21).

Parte da alocação da colaboradora levanta um tema já discutido por Leos (2009) em reportagem à revista *Isto É*. Na matéria uma das entrevistadas por João Leos comenta ter sido menosprezada por um organizador de eventos de combate.

Como se o esforço para treinar tantas técnicas já não fosse suficiente, a mulher ainda precisa lidar com a reprovação de alguns. 'Um promotor de combates riu de mim quando eu disse que queria lutar', lembra Carina. O organizador teria dito que ela se sairia melhor como garota da placa, anunciando novos rounds.

(Disponível em:
https://istoe.com.br/12340_AS+MULHERES+DO+VALE+TUDO
/ Acesso: 08/03/21)

Guardadas as devidas proporções de um evento profissional para um amador, podemos traçar paralelos que convergem a um desrespeito para com as mulheres. Se no campeonato amador faltam competidoras, então estas talvez tenham sido perdidas durante o processo de aprendizagem marcial. Comentários machistas como o trazido por Carina na reportagem anterior ilustram o quanto pode ser desmotivador permanecer em um ambiente desfavorável e tóxico. Esta censura também pode vir transversalmente à família. Quando questionada sobre possíveis preconceitos em relação sua família e a prática de *Jiu Jitsu* Jéssica expôs:

Minha irmã geralmente sempre solta esse tipo de comentários, perguntando o que eu estava fazendo de *top* no meio de um monte de homem, me escalavrando toda... bem desnecessário! Ela nunca praticou nem me viu lutando, por isso não tem que se meter no que eu gosto (Jéssica, entrevista realizada em 02/03/21).

Este receio de se machucar é preponderante para algumas famílias, pois também é trazido em trecho da mesma matéria de Leos averiguada em 2009.

(...) Priscila Hamada, 24 anos, encontrou resistência da mãe e da avó quando decidiu largar a recém-iniciada carreira de administradora de empresas em São Carlos, interior de São Paulo, para vir para a capital se dedicar ao vale-tudo. 'Elas tinham medo que eu me machucasse', justifica.

(Disponível em:
https://istoe.com.br/12340_AS+MULHERES+DO+VALE+TUDO
/ Acesso: 08/03/21)

Este mesmo receio é compartilhado pela família da minha entrevistada Tamara.

Ah o mais negativo de lutar são os machucados que tu vai adquirindo conforme o tempo... Por exemplo, eu quando comecei quebrei o meu dedo. O meu minguinho do pé acho que no primeiro mês. Minha mãe ficou apavorada, queria que eu saísse antes de me quebrar mais. Me considero sortuda porque essa birra dela durou pouco tempo. Hoje ela me dá a maior força (...). Então sei lá... é consequência né? Tu tem os pros e os contras. Faz parte do jogo se machucar e tu precisa se acostumar (Tamara, entrevista realizada em 28/02/21).

Maria (53 anos), a mais experiente do grupo de colaboradoras demonstra ter uma boa relação familiar em virtude à sua prática de *Muay Thai*. Em especial com sua mãe de 75 anos.

Eles me dão o maior apoio. Bah! A minha família me apoia muito, inclusive, as minhas trocas de luva quem me deu de natal foi minha mãe. Então eles apoiam um monte, eles acham assim que melhorou bastante, até a gente melhora, a gente fica mais disciplinado né? A gente tem mais controle... diminui minha impulsividade, eu acho que isso me ajuda muito. Então eles me dão o maior apoio, todos de casa (Maria, entrevista realizada em 14/02/21).

É natural que as mães se preocupem com suas filhas quando estas adentram por conta própria em um contexto tido como violento. As lutas como um todo promovem um certo receio é verdade, mas meninos lutando e se machucando por conta disso parecem não reverberarem com o mesmo peso. Em nossa sociedade lutar faz quase que parte do processo de formação másculo. As cicatrizes são símbolo de masculinidade, para as mulheres nem tanto.

Conforme Goellner (2005), o exercício de esportes apresentados como mais adequados aos homens gera questionamentos relacionados à feminilidade das atletas. Em muitos casos, desconfianças acerca da sua sexualidade e da autenticidade do seu sexo. Em nossa sociedade, sexo, gênero e sexualidade possuem relações inseparáveis, de modo que cruzar as fronteiras do que se pondera adequado a cada gênero mostra-se como uma transgressão que afeta a lógica heteronormativa. Corbett *et al.* (2008, p. 2) afirmam que os impulsos sexuais tendem a possuir relação com as lutas.

Ao observarmos a imagem social da mulher, vemos que tínhamos, anteriormente, a mulher isenta de capacidade e de extrema fragilidade. Sendo um prêmio a ser preservado, sendo sua pureza virginal grande parte de seu valor. Estavam, aí, os primeiros passos em direção ao domar os impulsos sexuais. Como já vimos em Elias, entretanto, outras formas de emoção poderiam substituir estas vontades. Vemos, ao mesmo tempo, uma exultação da guerra e do valor guerreiro, de forma que a agressividade era muito vivenciada e, até mesmo, incentivada.

Cada vez mais as mulheres estão buscando vivenciar seus direitos, lutar é um direito. Lutar tanto de maneira literal como figurativa. Precisamos reconhecer que a prática de lutas transpassa o território do combate, sendo o

lazer apenas uma das possíveis e diversas razões motivadoras. Não basta apenas ofertar a luta, seja ela qual for, mas também fornecer meios que contribuam na permanência dessas mulheres. Desta forma o processo de renovação do público e aceitação social serão cada vez maiores.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção de uma literatura forte e amplo incentivo da mídia, tendem a reduzir cada vez mais o distanciamento entre as mulheres e os ambientes das lutas. Ainda assim estamos longe do ideal, mas pude perceber um considerável avanço no que tange a participação de mulheres durante minhas observações e entrevistas. As opiniões variaram dentro do pequeno grupo de colaboradoras, tendo ao menos um caso onde julgou-se não importante haver mais mulheres lutando. Tendo em vista que as mulheres sempre praticaram lutas e outros esportes de maior contato às escondidas durante os períodos de repressão, não é de se estranhar que algumas pessoas não julguem o ato de lutar como importante para as meninas, pois estas não foram capazes de perceber ou sofrer represálias hoje a partir de suas escolhas. Este comentário negativo de certa forma serviu justamente para me mostrar como o assunto é complexo e ilustrou um contraponto do que eu julgava unanimidade entre as mulheres.

Os contextos políticos atuais são retrógrados, mas não devemos ser pessimistas. Cada vez mais lutadoras brasileiras surgem nos grandes eventos trazendo resultados internacionais positivos e este fato ajuda na popularização cada vez maior das lutas e diminuição dos preconceitos. Percebo agora o quanto este trabalho careceu de viés políticos maiores, sendo eu um homem, talvez acabei por não expressar de uma forma fidedigna todas as dificuldades diárias enfrentadas por lutadoras amadoras. Talvez este seja um mérito, por que acredito que poucos trabalhos foram produzidos no âmbito acadêmico tendo um desafio deste porte pela frente. No que propus, acredito que consegui desenvolver boas reflexões pelas quais julgo capazes de estimular outros colegas na produção de obras futuras.

Aprendi que seja para defesa pessoal, competição, saúde, ou lazer, as lutas possuem uma grande capacidade de engajamento. Mulheres como as por mim entrevistadas conseguiram enfrentar machismo e preconceito que

circundam o ambiente das lutas. Este fato comprova que elas nunca deixaram de praticar e continuarão praticando, mesmo contra quaisquer dificuldades impostas pela sociedade. Este trabalho me ajudou a refletir sobre quais foram as motivações de algumas mulheres ao adentrarem no universo das lutas. Estas 5 mulheres aqui apresentada foram importantes para que eu pudesse compreender um pouco mais sobre as inter-relações que englobam a prática de lutas por mulheres e a importância que estas possuem em suas vidas.

Julgo necessárias maiores discussões sobre o tema principalmente em ambiente acadêmico, pois os educadores são os primeiros fomentadores da atividade física para muitas meninas. Este aspecto transpassa à prática profissional de instrutores em academias e clubes e estimo fundamental para o ensino correto também de adultos. Não obtive respostas consistentes em relação aos instrutores de artes marciais descritos no meu trabalho. Talvez um estudo exploratório pudesse ser capaz de fornecer os meios para obter tais respostas.

Acredito que este seria um ponto de ótima observação se comparados com as opiniões dos professores e suas alunas, porém prolongaria ainda mais o texto aqui apresentado. Durante minha breve trajetória como praticante de artes marciais jamais presenciei uma instrutora mulher liderando uma turma de quaisquer lutas, por essa razão imagino que sejam raridades e conseguir entrevistar uma instrutora de lutas profissional seria um ponto forte que aqui não pude abranger.

REFERENCIAS

BERNABÉ, Ester Gomes; QUIRINO, Raquel. **Divisão Sexual do Trabalho e Esporte: Reflexões Sobre o Campo das Lutas e Artes Marciais**. V Seminário Discente do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFMG, 2020.

BETTI, M. **Por uma Teoria da Prática**. Revista *Motus Corporis*. Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, p. 73-127, 1996.

BRACHT, V. **Educação Física e Aprendizagem Social**. Porto Alegre: Magister, 1992.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2003.

CORBETT, Claus; ALMEIDA Marco Antonio Bettine de; GUTIERREZ, Gustavo Luis. **A Inserção Feminina nas Artes Marciais Japonesas: Estudo Preliminar**. Revista Digital, Buenos Aires, a 13, N° 124, setembro de 2008.

COURTINE, Jean-Jacques. Introdução: Impossível Virilidade. **História da Virilidade 3 – A virilidade em crise? Séculos XX-XXI**. Petrópolis: Vozes, 2013.

DA ROSA, Marcelo Victor. **Dispostas e Corajosas: Mulheres Subversoras de Normas em um Espaço de Aprendizagem do Muay Thai em Camapuã/MS**. Revista Prâksis, Novo Hamburgo, a. 16, n. 2, maio/agosto, 2019.

FERNANDES, Vera *et al.* **Mulheres em Combate: Representações de Feminilidades em Lutadoras de Boxe e MMA**, Rev. Educação Física UEM vol. 26, no. 3, Maringá julho/setembro 2015.

FIGUERÔA, Katiúscia Mello e MORAIS e SILVA, Marcelo. **Impressões Femininas Sobre a Presença da Mulher na Capoeira**. Revista de ALESDE Curitiba, v. 4, n. 2, p. 16-31, setembro 2014.

GOELLNER, Silvana. **Bela, Maternal e Feminina: Imagens da Mulher**. Revista Educação Física, Ijuí: Unijuí, 2003.

GOELLNER, Silvana. *Gênero*. In: GONZÁLEZ, J. M. & FENSTERSEIFER, P. E. (orgs). **Dicionário Crítico de Educação Física**. Ijuí: Unijuí, 2005. p. 207-209.

GOELLNER, S. V. **A Educação dos Corpos, dos Gêneros e das Sexualidades e o Reconhecimento da Diversidade**. Cadernos de Formação RBCE, Florianópolis, v. 1, n. 2, p. 71-83, 2010.

GOELLNER, Silvana. **Mulheres e Esporte: Sobre Conquistas e Desafios**. Revista do Observatório Brasil da Igualdade de Gênero, Brasília, Ano II, n. 4, 2012.

LEOS, J. **As mulheres do vale-tudo**. Isto É, Edição nº. 2058. São Paulo: Editora Três, 22/04/2009. Disponível em: <http://istoe.com.br/12340_AS+MULHERES+DO+VALE+TUDO>. Acesso em: 17 março 2021.

LIMA, Phillip Barbosa Barreto; VOTRE, Sebastião Josué. **Representação de Gênero para Praticantes de Muay Thai do Rio de Janeiro**. Fazendo Gênero, Florianópolis, 2008.

LOURO, G. L. **Feminilidades e pós-modernidade**. In MOTA, L. Invenção do contemporâneo: a construção dos gêneros, Internacional, 2008. Disponível em: <<http://vimeo.com/28127159>>. Acesso em: 18 abril 2021.

MACHADO FILHO, R.; CARDOSO, L. A. S.; GONÇALVES, F. A. **Comportamento da Pressão Arterial em uma Sessão de Treinamento Concorrente**. *EFDeportes.com, Revista Digital*. Buenos Aires - ano 16 - Nº 163 - Dezembro de 2011.

MOLINERO, Miriam; STILBEN, Cristina; TELLES, Silvio. **WOMEN & MUAY THAI: A REPORT OF ONE OF THE PIONEERS OF RIO DE JANEIRO**, 2010.

MOREIRA, Virginia; BORIS, Georges Daniel Janja Bloc and VENANCIO, Nadja. **O Estigma da Violência Sofrida por Mulheres na Relação com seus Parceiros Íntimos**. *Psicol. Soc.* [online]. 2011, vol.23, n.2, pp.398-406.

NEGRINE, Airton. Instrumentos de coleta de informações na pesquisa qualitativa. In: TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva; MOLINA NETO, Vicente (Orgs.). **A pesquisa qualitativa na Educação Física: alternativas metodológicas**. Porto Alegre: UFRGS/Sulina, 2010.

NETOA, Alvaro Rego Millen; GARCIA, Roberto Alves; VOTRE, Sebastião Josué. **Artes Marciais Mistas: Luta por Afirmação e Mercado da Luta**. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, 2016.

OLINTO, G. & Leta, J. (2014). **Geração, Gênero e Tarefas acadêmicas: Investigando os Docentes-Pesquisadores dos Programas de Pós-Graduação Brasileiros**. In Anais do 4º Encontro Brasileiro de Bibliometria e Cientometria, v. 4, p A22. Recife: UFPE.

OLIVEIRA, Caroline Silva de. **Mulheres em Quadra: O Futsal Feminino Fora do Armário**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física) - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2008.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **O Trabalho do Antropólogo: Olhar, Ouvir, Escrever**. *Revista de Antropologia*, São Paulo, USP, Vol. 39, No. 1, p. 13-37, 1996.

SIQUEIRA, E. F.; CUNHA, M. C. **Relações de gênero e suas implicações no ambiente escolar**. In: Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor -artigos. Paraná: Cadernos PDE, v. 1, 2013.

SILVA, Lisandra Oliveira e. **Um Estudo de Caso com Mulheres Professoras Sobre o Processo de Identização Docente em Educação Física na Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre**. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano), Escola de Educação Física, UFRGS, Porto Alegre, 2007.

SOUZA, G. C. **Narrativas do Judô Feminino Brasileiro: Construção da Historiografia de 1979 a 1992**. In: XII Encontro Regional de História. Rio de Janeiro, 2006.

STIGGER, Marco Paulo. O Esporte na Cidade: Estudos Etnográficos sobre Sociabilidades Esportivas em Espaços Urbanos. **Estudos Etnográficos Sobre Esporte e Lazer: Pressupostos Teórico-metodológicos e Pesquisa de Campo**. Porto Alegre. Editora da UFRGS, 2007.

APÊNDICE

ROTEIRO DA ENTREVISTA: SEMI-ESTRUTURADA

Dados gerais

- Idade
- Emprego
- Onde trabalha?
- O que faz?
- Estuda?
- Onde?
- Onde mora?
- Com quem mora?
- Estado civil
- Qual a sua relação com a família?

Sobre lazer e organização do tempo

- O que faz em seu tempo de lazer?
- Com quem faz?
- Onde faz?

- Quando faz?

Sobre práticas corporais

- Que práticas corporais pratica?
- Com quem?
- Onde?
- Quando?
- Desde quando?
- Como começou?

Socialização nas lutas

- Como começou a lutar?
- Com quem (amigos, primos, irmãos, colegas)?
- Onde (na academia, em outro local)?
- Quando?
- Tinha outras mulheres no local?
- Elas praticavam a arte marcial?
- Como a família se posiciona quanto a essa prática?
- Porque escolheu a luta e não outro esporte?
- Qual sua rotina de treinamento?
- Onde?
- Por quê?
- Já competiu alguma vez?
- Com quem?
- Onde?
- Por quê?
- Onde você insere as lutas em sua vida?
- Qual é a importância?
- Quais foram teus investimentos para a prática?
- Qual o aspecto mais positivo nesse processo da prática?
- Qual o aspecto mais negativo da prática?
- Houve algum episódio ou pessoa importante durante suas práticas? Por quê? Qual foi?
- Parou de praticar a luta em algum momento?

Sobre a equipe

- Porque escolheu treinar com essas pessoas?
- Onde você treina? Já treinou em algum outro lugar?
- Com quem você luta? Outras mulheres? Homens? Ambos?
- Alguma preferência? Por quê?
- Porque com essas pessoas e nesse local?
- Como é o ambiente/clima desse grupo?
- O que você mais gosta ao lutar?
- O que menos gosta?
- Durante uma luta, o que você espera de seu/sua adversário@?
- Auto avaliação do nível técnico (luta bem? Mais ou menos? ...). Por quê?
- Como você avalia suas características de combate?
- Quem você considera uma boa lutadora? Por quê?
- Acompanha competições? Elas são importantes para você?
- Tens alguma pessoa que te inspira nas artes marciais?
- Que elementos, aspectos, sentimentos são importantes para você se sentir pertencente à equipe?
- Existem atividades sociais entre os membros da equipe fora do tatame/ringue?
- Você considera importante ter mais mulheres lutadoras?
- Como a sua família, seu/sua companheir@, seus/suas amig@s, conhecidos e desconhecidos, olham essa sua prática de luta?
- Como você se posiciona em frente a esses olhares?
- Tens alguma outra consideração que queira compartilhar a respeito?